

AGORA

FENAE

A velha UDN chega ao poder

Propostas liberais defendidas desde a
década de 40 encontram eco no atual governo



FENAE AGORA - edição 2 - n.º 2 - março de 1998 - distribuição gratuita



Reforma agrária
demanda
assentamentos



Salvador sedia
os V Jogos
da FENAE

Tricampeão
analisa
campeonato de F1

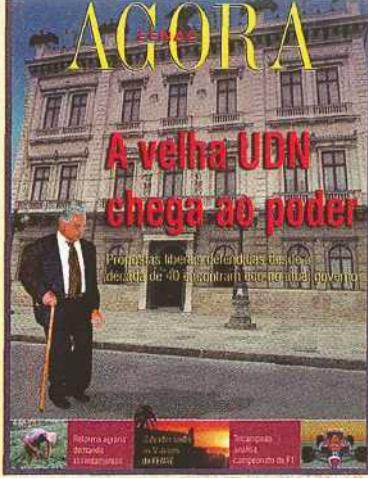


FENAE

27 ANOS

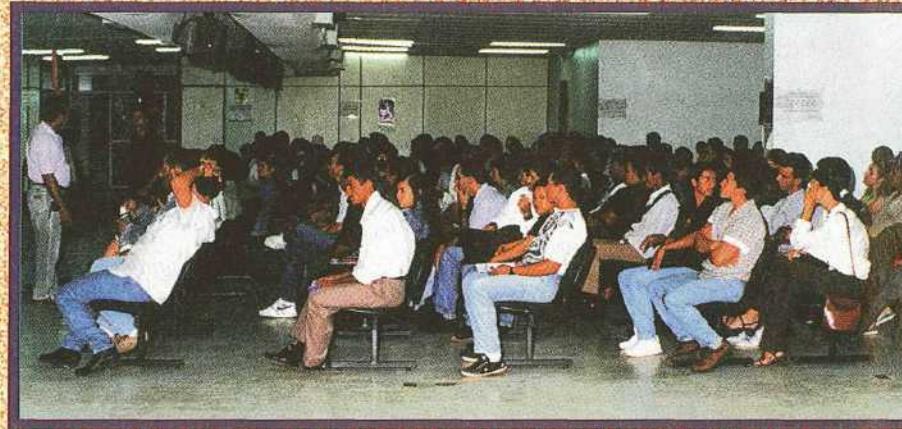


**Florescendo no teatro, nos esportes,
na música, na literatura e na cidadania**



AGORA FENAE

Agnaldo Azévedo



Capa: avelha UDN chegou ao Palácio do Planalto pelas mãos do sociólogo Fernando Henrique Cardoso - Pág. 10

IBGE e Dieese não se entendem quanto ao parâmetro utilizado para medir o desemprego no país. Pág. 22

5 Jânio de Freitas diz que FH rema contra o futuro

6 A saúde no Brasil vive em fase terminal

8 Reforma da Previdência ameaça fundos de pensão

2 4 Biondi critica política econômica do governo

2 9 Tárik de Souza: "Frevo perde o passo de Capiba"

30 Chiquinha Gonzaga, uma artista da música

31 Piquet, um tricampeão de bem com a vida

33 Pequi, um símbolo da culinária do cerrado

34 A cachaça ganha status e vira mania nacional

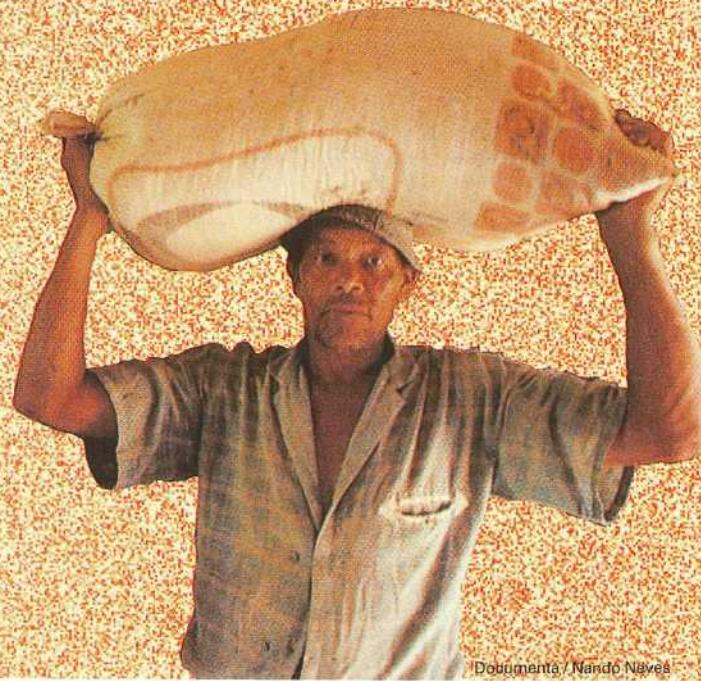
36 Concentração excessiva de gases prejudica a Terra

Tyba/Documenta / Reriata Melo



Salvador sedia a quinta edição dos Jogos da FENAE. Pág. 25

A luta pela reforma agrária continua na ordem do dia
Pág. 18



Documenta / Nando Neves

Administração e redação:

Sector Comercial Sul, quadra 1, edifício União,
6º andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901
Telefone: (061) 323-7516
Fax: (061) 325-6057
Telex: (061) STM400-Caixa Postal 33794
Homepage: www.fenae.org.br
E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br
(Alternex): fenae@ax.ibase.org.br

Diretoria Executiva

Presidente:
Carlos Caser
Vice-Presidente:
José Francisco Zimmermann
Diretor Financeiro:
Carlos Borges
Diretor de Relações no Trabalho:
João Alberto Garcia Moschkovich
Diretor Administrativo:
Admilson dos Santos Canuto
Diretor de Esportes:
Jorge Cruz Marçal
Diretor Cultural:
Emanuel Souza de Jesus
Suplente: José Durval Fernandes Reis

Conselho Fiscal

Orlando Martins Pinto
Jesus Rodrigues Alves
Cláudio Pimentel Corrêa

Suplentes

Daniilo Aguilair Ferreira
Bernadete Santos de Aquino

Conselho Deliberativo Nacional

Presidente: Jorge Peixoto de Mattos
Vice-Presidente: Maria Auxiliadora de Almeida Gama
Secretária: Francisca de Assis Araújo Silva

Editor: Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)

Redação: Antônio José, Evandro Peixoto,
Marcio Sardi

Colaboradores: Aloysio Biondi, Jânio de Freitas,
Tárik de Souza

Diagramação: Hélder Narde

Ilustração: Lisarb

Fotolito: Prelo Fotolito

Impressão: Bangraf

Tiragem: 75 mil exemplares

Os artigos assinados são de
responsabilidade dos seus autores
Distribuição gratuita



Da Redação

Um ciclo histórico

O brechó localizado no Palácio do Planalto remonta ao caduco *laissez-faire e laissez-passez. Sua vinculação com a velha UDN é nítida, a começar pelas alianças políticas e pelo seu guru: o ex-deputado udenista e hoje presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães.*

A história se repete como farsa? Não, continua. Continua o ciclo dominante das elites, ainda respaldadas pelos militares, mas com técnicas modernas de dominação: o uso de grande parte da mídia para iludir milhões. Apesar disso, o discurso de fundo oficial também é baseado em uma velha técnica: unir a todos contra um inimigo comum (o Real contra a inflação), com objetivos político-financeiros claros: manter o poder e os

lucros a qualquer custo.

Como o próprio real tem dois lados, nossa história também apresenta o belo: nosso tricampeão mundial Nelson Piquei, nosso bicampeão mundial Nilton Santos, a nossa aguardente mais antiga que o scoth, uma frutinha bem brasileira que faz verdadeiros milagres e por aí vai.

Esta segunda edição da FENAE AGORA busca essa beleza, continua a acreditar no sonho - um sonho que não vai acabar nunca -, pois é a expressão do avanço dos seres humanos: a sociedade igualitário, justa e coletiva defendida em praça pública há apenas 150 anos. Eles nasceram no século XVII. Já estão ultrapassados! Ao contrário do que acreditam, não são pós-modernos. São pós-cadudos!

Dos LEITORES

Sugestões

Penso que as pessoas preferem revistas com índice com assuntos: política, ecologia, turismo, finanças, humor. Da forma como está parece um pasquim. Adoro pasquins, mas é meio complicado.

Ah, porque não "A Caixa em foco", fazendo sempre uma análise crítica, assinada por economistas famosos como Conceição Tavares, enfocando um produto, uma área de atuação ou uma abordagem crítica?

Tânia Aguiar-Brasília/DF

Beba

O presidente FHC é um personagem sem escrúpulo, desprovido de consciência

social, massacra o povo e tenta forjar na nossa miséria a sua glória. Contra essa vontade imperial dele surge o texto combativo da **FENAE AGORA**. Para mim um documento para ler e guardar, para reler...e guardar!

Olha os assuntos: futebol, história, turismo, ecologia, música, carnaval, eleições, desemprego, mercado financeiro e todas as políticas delas derivadas. E a parte cultural? Respondo: beba, bebadapalavra, bebadamagia, bebadabondade, bebadacoragem, bebadagraça, bebadamania, bebadaluta, bebadacrença, bebadesperança e bebadousadia...beba do amor.

Que venham os próximos números.

Antônio de Pádua Maia - Brasília/DF

Caso único de um governo que rema contra o futuro

■ Jânio de Freitas

Comparar governos é tarefa difícil, para não dizer impossível. A menos que os contrastes sejam imensos, provocados por anomalias. Se isso não acontece, as comparações ficam dependendo mais da preferência pessoal e limitadas à confrontação de uns quantos números, que não expõem as circunstâncias. E as circunstâncias têm sempre importância, seja para o destino de um governo, seja para a imagem do presidente que tem a responsabilidade formal por esse destino.

O governo Fernando Henrique tem a vantagem de dispensar comparações com qualquer dos seus predecessores. É suficiente compará-lo com ele próprio.

Segurança, emprego, agricultura, saúde e educação, aqueles cinco dedos da campanha eleitoral, nem merecem maior referência, tão óbvia se tornou sua falsidade como símbolos de compromissos.

Os dedos são poucos para os descompromissos e fracassos. O déficit público, por exemplo, não teve a honra de figurar em cartaz. Mas foi citado com relevo no programa de ação,

em pronunciamentos, em entrevistas. Dado como inimigo público número um (a inflação já perdera o trono no governo Itamar), afinal o déficit seria reduzido à sua merecida insignificância. Os gastos irresponsáveis, os esban-

A imoralidade administrativa pode emitir quantas evidências queira, porque investigações o governo não faz nem permite

FA

jamentos todos, seriam cortados. Se compararmos o 1996 do governo Fernando Henrique com o seu 95, e o 97 com o 96, o resultado é déficit cada vez pior.

Submetida à mesma comparação consigo própria, a dívida cresce e assume as proporções de um monstro que acabará por fazer, inevitavelmente, alguma nova desgraça na-

cional. O governo Fernando Henrique já mais do que dobrou a dívida. E vai em frente - não em direção ao futuro, mas contra o futuro.

Assim são os números todos, considerados aqueles que se tomam nas aferições dos desempenhos governamentais. Em outro plano, estão mais do que demonstradas as relações crescentemente corruptoras que o governo pratica com o Congresso. E agora também no âmbito mais íntimo dos partidos, como sabem numerosos convencionais do PMDB.

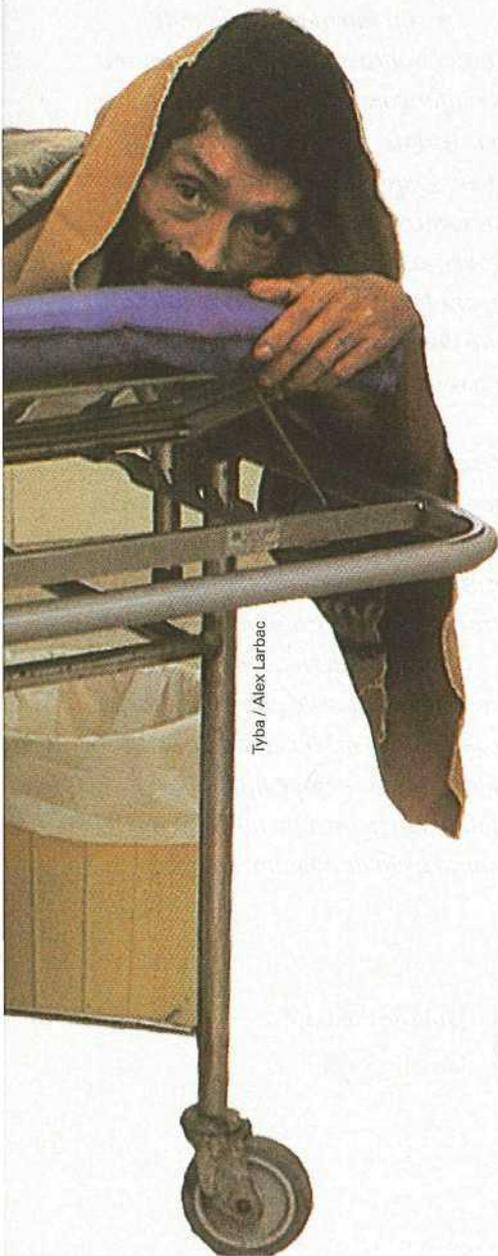
Já a imoralidade administrativa, a velha corrupção, pode emitir quantas evidências queira, porque investigações o governo não faz nem permite. Uma questão de preferência entre a corrupção e a investigação.

Daí não deriva, porém, o descrédito popular do governo e do seu condutor. A mídia cuida de evitá-lo, por todos os meios e modos, arquitetando as circunstâncias como uma construção de enganos e ilusões.

Jânio de Freitas,
jornalista

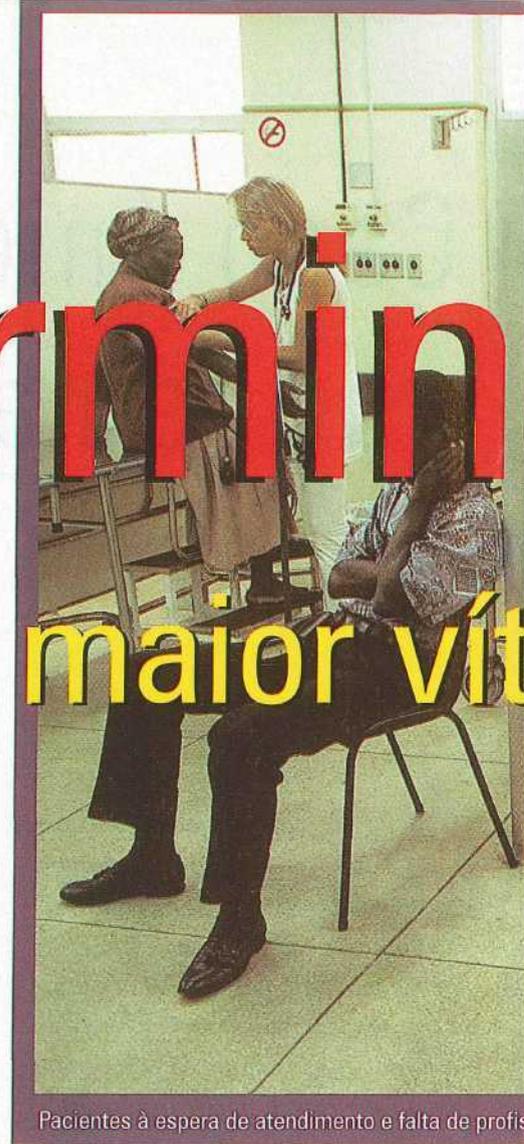
Fase termin

Nossa saúde é a maior vitória



Tyba / Alex Larbac

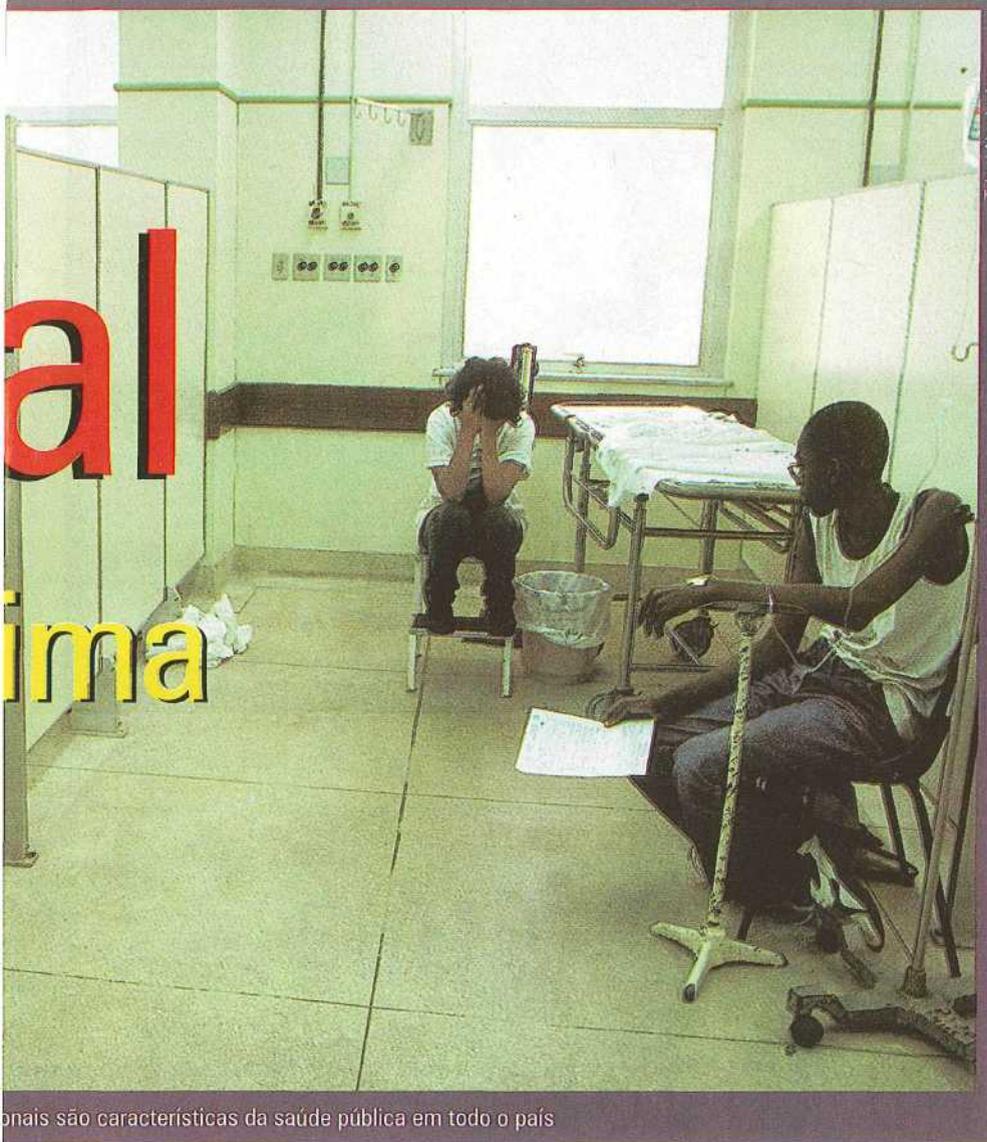
Era o ano de 1997. O bancário Guilherme Augusto Roedel, funcionário do Banco do Brasil no Rio de Janeiro, estava trabalhando quando passou mal em 14 de fevereiro. Após ter desmaiado e batido a cabeça, provocando em consequência feridas expostas, deu entrada no hospital Miguel Couto por volta das 19h. Peregrinou pela emergência neurológica e teve convulsões enquanto esperava por atendimento. Diante disso, o enfermeiro do hospital o transportou até o local do exame de raio X e abandonou a maca no corredor, fazendo com que seu quadro clínico piorasse. Feita a tomografia computadorizada às 21h30, o médico Gustavo Meirelles constatou Glasgow 13 e determinou internação sem CTI (Centro de Terapia Intensiva), garantindo ainda que o caso não apresentava gravidade e não deixaria seqüelas. Depois de andar de um lado para o outro, o paciente foi removido para o CTI da Clínica S. Victor, onde deu entrada por volta das 2h. Ali o neurocirurgião, apesar de ter sido chamado, não compareceu ao local. Em decorrência disso, o paciente ficou 17h sem ser medicado, em-



Pacientes à espera de atendimento e falta de profis

bora tenha sido examinado e monitorado. Tanta demora para conseguir ser atendido, no entanto, acabou sendo fatal. Guilherme Roedel morreu em 23 de fevereiro do ano passado.

Dramas como o do carioca Roedel são frequentes nos hospitais públicos e privados do país e, na maioria das vezes, ocorrem por fatores como erros médicos, falta de atendimento médico-hospitalar e descaso dos governos para com a saúde do brasileiro. Quando estourou a tragédia em maternidades do Rio, que matou 71 bebês em 31 dias, no mês de janeiro deste ano, o presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Sérgio Augusto Cabral, em conversas com jornalistas, foi direto ao alvo: "O que se gasta em prevenção e tratamento é insuficiente. Falta tudo. O paciente é tratado como gado. Na crise dos berçários, repetiu-se a peregrinação de mulheres grávidas, algumas com a bolsa rota há mais de 24h,



Tybur / Alex Labrec

pnais são características da saúde pública em todo o país

por mais de três hospitais para conseguir atendimento".

Sorte Para a presidente da Associação de Vítimas de Erros Médicos, Célia Destre, a saúde no Brasil está entregue à própria sorte e transmite uma imagem de desolação e abandono. Em recente artigo sobre o assunto, Waldir Paiva Mesquita, presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM), defendeu a tese de que "o remédio para o erro médico está mais no reajuste da sociedade como um todo do que na reforma isolada da medicina". Um exemplo de que a situação é calamitosa foi dado pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo, que - só em 1996 - registrou 2.931 denúncias contra erros médicos.

Mas nem só de erro médico se estrutura o sistema de saúde no Brasil. Descrença é o sentimento mais comum que invade o imaginário do brasileiro quando o assunto é

hospitais, médicos e sobretudo falta de recursos. Nesse cenário se misturam profissionais mal-remunerados, baixa qualidade no atendimento médico-hospitalar, filas intermináveis para internações urgentes e instalações precárias de maternidades e hospitais. O presidente da SBP aponta a prioridade que o governo federal dá à área econômica como causador dos problemas da saúde pública. Segundo ele, "esta ênfase faz com que a saúde seja tratada como uma rubrica do orçamento". Discorda de Cabral o diretor-executivo do Fundo Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, Moreti Milton. Ele afirma que não houve cortes para o setor em 98 e que os recursos são repassados para as secretarias estaduais de saúde, a quem cabe fazer convênios com os hospitais. Moreti garante que uma das prioridades do Ministério da Saúde é combater endemias como dengue e malária, "não deixando de atender quem estiver doente".

Governo destina menos recursos

O Brasil entrou em 1998 (o Ano do Tigre - no calendário chinês) com menos recursos para a área de saúde. Dos R\$ 20,4 bilhões destinados em 97 para o setor, o governo federal passou a tesoura em R\$ 900 milhões desse montante e reduziu o orçamento da saúde este ano para R\$ 19,5 bilhões. Esse número, inclusive, foi confirmado por Moreti Milton, diretor-executivo do Fundo Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que, no entanto, negou que tenha havido cortes.

Com essa redução, segundo a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o governo Fernando Henrique Cardoso descumpra a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), que determina um valor - no mínimo - igual ao de 1997. Em relação a setores similares, a exemplo da previdência e assistência, a situação não é menos difícil. Dos R\$ 84,7 bilhões que seriam necessários para garantir o mínimo de seguridade para a população, o governo destinou R\$ 74,8 bilhões. Um corte de R\$ 9,9 bilhões.

Um dado estatístico de organismos internacionais é o sinal de que a contradição entre geração de riqueza e sua distribuição no Brasil não é mera retórica. Ocorre que, embora seja a décima economia capitalista entre as 186 nações filiadas à ONU, o país ocupa a 58ª posição em saúde.



A aposentadoria de FHC é retroativa aos 38 anos de idade. Aos demais aposentados, entretanto, restam apenas os bancos das praças e jardins

Previdência

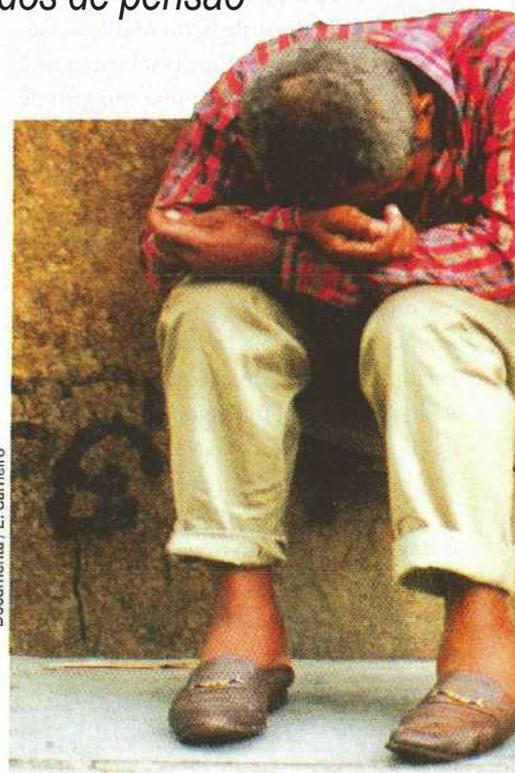
CAIXA financia reforma prejudicial a todos

R\$ 22 milhões para obras em municípios dos "aliados" do governo garantiram a aprovação da reforma da Previdência, que ameaça os fundos de pensão

Marcada pela polêmica, a proposta de reforma da Previdência foi aprovada pela Câmara dos Deputados, em primeiro turno, na primeira quinzena de fevereiro. Foram 346 votos a favor e 151 contra a emenda. Para alcançar esse objetivo, o governo FHC fez uso de um arcabouço de engenharia legislativa: a barganha política. Coube à CEF liberar R\$ 22 milhões para obras em municípios cujos padrinhos políticos são parlamentares da base governista. Fato esse que gerou indignação entre os funcionários da empresa. Para a Federação Nacional das Associações do Pessoal da

CEF (FENAE), o uso da Caixa em negócios como esse é incompatível com a perspectiva de uma CEF saudável e sintonizada com os desafios sociais do Brasil.

Com a aprovação das mudanças, o direito a uma aposentadoria que garanta um horizonte promissor a uma multidão de homens e mulheres fica mais emblemático. O governo acaba com a aposentadoria por tempo de serviço e, em troca, cria o modelo de tempo de contribuição: 35 anos para os homens e 30 para as mulheres, vinculando-o à exigência das idades mínimas de 60 e 55 anos. "O projeto do governo não modifica o quadro de abismo social entre ricos e pobres. Quem começa a trabalhar aos 15



anos, por exemplo, fica obrigado a fazê-lo por 45 anos até poder aposentar-se, diferentemente de quem trabalha dos 25 aos 60 anos e que vai poder aposentar-se com menos 10 anos do que os outros", argumenta o deputado Paulo Paim (PT-RS), da Frente Parlamentar em Defesa da Previdência Pública e de Aposentados e Pensionistas.

A emenda constitucional criou uma regra de transição para todo trabalhador que esteja contribuindo para a Previdência. Por essa regra, que consiste em acrescentar ao tempo de serviço que falta para a aposentadoria mais 20% a 40% desse período, o trabalhador que for se aposentar vai ter de cumprir o requisito da idade mínima: 53 anos (se homem) e 48 anos (se mulher).

Mira Os fundos de pensão das empresas estatais também estão na mira da reforma da Previdência. Uma das metas é alterar as regras de contribuição. Com isso passaria a ser adotada a paridade contributiva entre empresa patrocinadora e participante, o chamado 1 x 1. O advogado Adacir Reis, especialista em previdência complementar e assessor parlamentar da FENAE, não vê com bons olhos o dispositivo que obriga os fundos de pensão das estatais a reverem - no prazo máximo de dois anos - seus planos de benefícios e serviços, de modo a ajustá-los atuarialmente a seus ativos. No caso da FUNCEF, o segundo maior do país, com patrimônio estimado em R\$ 6,5 bilhões, estuda-se a mudança do atual sistema de benefício definido para contribuição definida. Os defensores da filosofia do modelo contributivo sustentam que, tecnicamente, não há risco de perdas para o trabalhador. Alegam que essa mudança não significa, necessariamente, quebra de contrato e agressão a direitos adquiridos. Pensa assim Luiz Henrique, gerente da Área de Benefícios Previdenciários da FUNCEF. "Nosso objetivo é adequar o regulamento dos planos de benefí-

cios da fundação às novas regras da legislação. É necessário que haja uma maior desvinculação ao Plano de Cargos da CEF, como forma de beneficiar o associado".

Há quem ache, no entanto, que a reforma da Previdência e as mudanças no regulamento de benefícios da FUNCEF tenham origem comum. O presidente da Federação Nacional das Associações de Aposentados e Pensionistas da CEF (FENACEF), Décio de Carvalho, afirma que a atual política da CEF e da FUNCEF para com os aposentados é de exclusão e de marginalização. Ele diz que "não há interesse para se equacionar as questões pendentes. Que fique claro: o aposentado não

pede privilégios, mas exige respeito".

Numa via paralela a esse debate, a perspectiva de uma aposentadoria mais difícil na CEF convive, lado a lado, com a falta de reajuste salarial desde 1995. Ao longo dos últimos anos, a empresa vem reduzindo o número de funcionários e, em decorrência disso, multiplicando as tarefas de quem fica. A empregada da CEF Tânia Aguiar explica que a FUNCEF está aplicando a política de corte de despesas. Com base nesse paradigma, segundo ela, a diretoria da fundação tenta quebrar a paridade entre ativos e inativos, "buscando assim dissociar os aposentados do restante da categoria".

FENAE defende abono para os aposentados e benefício definido

Ameaça ao fundo de pensão já é uma realidade



Carlos Caser

Não dá mais pra disfarçar. A reforma da Previdência bate à porta da Caixa Econômica Federal. O presidente da FENAE, Carlos Caser, explica o porquê: a FUN-

CEF estuda a possibilidade de implantar medidas como a contribuição definida e se recusa a conceder o abono aos aposentados. Ele diz que a adequação dos planos de benefícios da fundação, dependendo da forma como for feita, poderá trazer eventuais prejuízos para o pessoal que estiver aposentado, bem como para os empregados da ativa.

Quanto ao "pacotão", Caser defende que o abono seja estendido aos aposentados sem quaisquer condicionamentos. "Se o seu pagamento é ilegal, não pode ser pago hora nenhuma

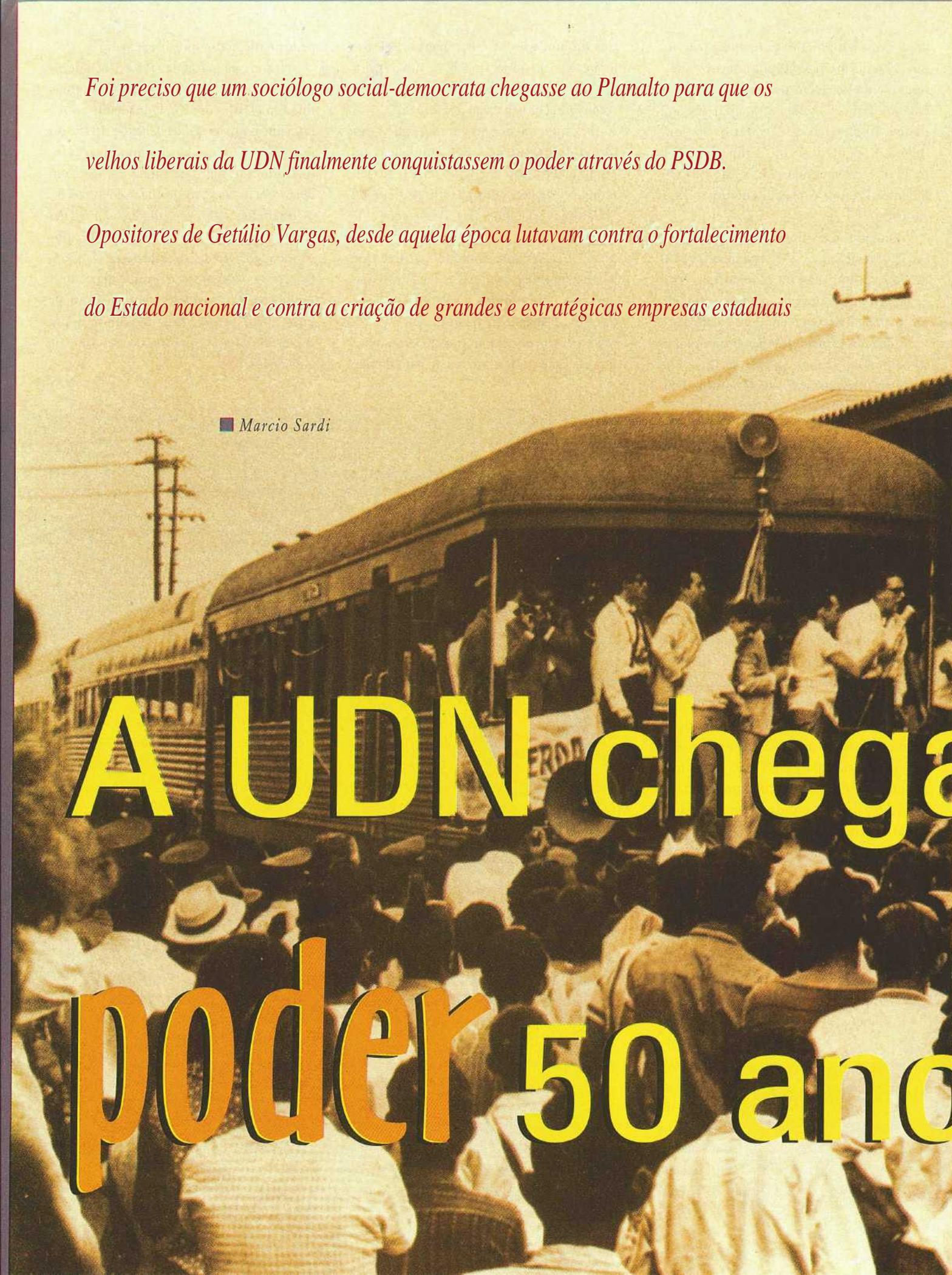
e em condição nenhuma. Se é legal e legítimo (que é o que afirmamos), deve e pode ser pago. É chantagem afirmar: não pode, a não ser que os aposentados abram mão da paridade do índice", denuncia o presidente da FENAE.

Caser considera ainda absurdo o fato da CEF não reconhecer a dívida contraída junto à FUNCEF. Para ele cabe à empresa equacionar o problema. "O que não se pode admitir é que a CEF use todos os superávits da fundação para fazer evaporar grande parte dessa dívida." No que se refere ao Plano de Melhoria de Proventos e Pensões (PMPP), o presidente da FENAE critica a decisão da Secretaria de Previdência Complementar de transferir para o INSS o pagamento dos proventos. Para discutir o assunto, Caser diz que a FENAE está tentando agendar uma audiência com o ministro da Previdência Social, Reinhold Stephanes.

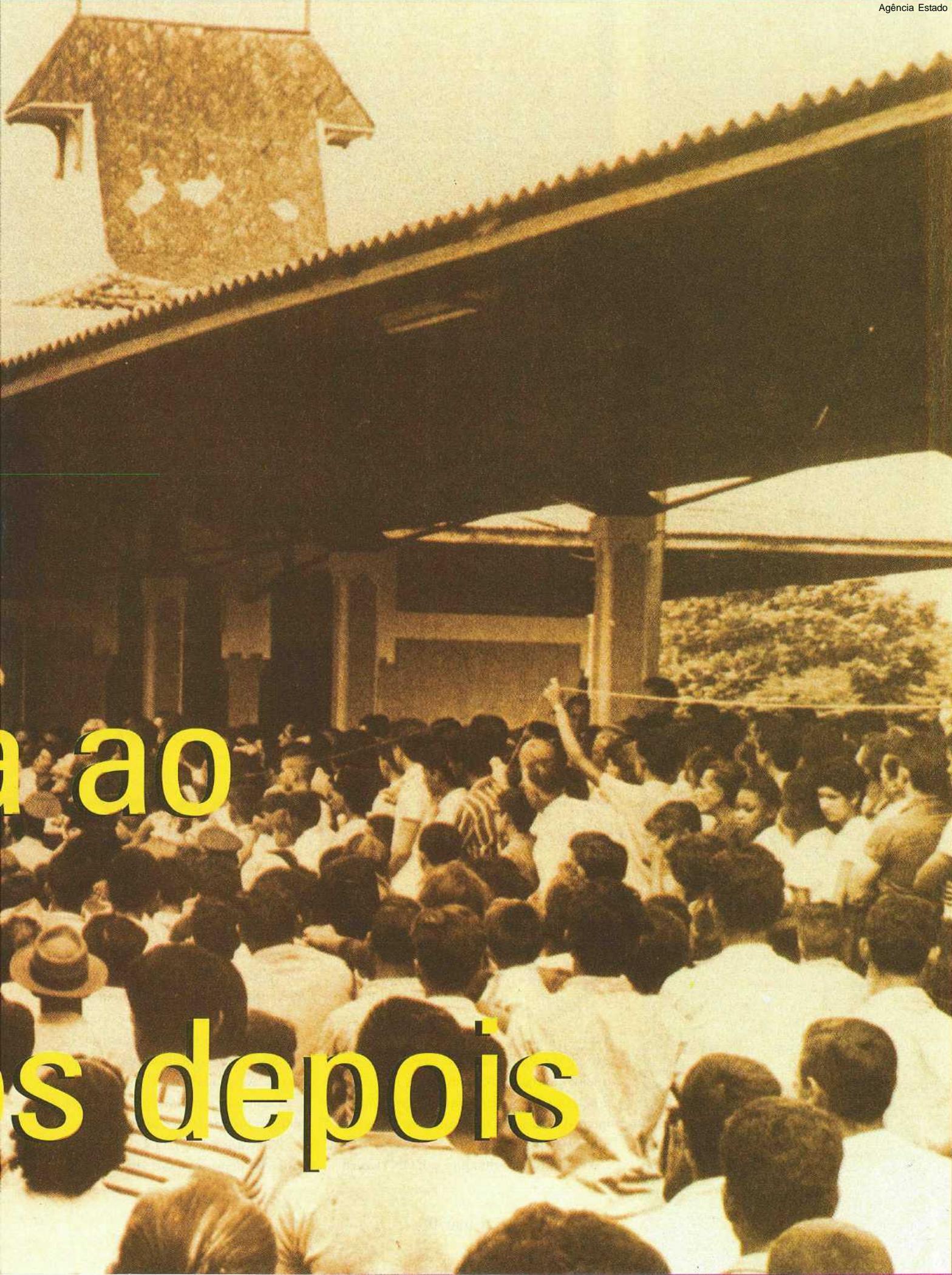
Foi preciso que um sociólogo social-democrata chegasse ao Planalto para que os velhos liberais da UDN finalmente conquistassem o poder através do PSDB.

Opositores de Getúlio Vargas, desde aquela época lutavam contra o fortalecimento do Estado nacional e contra a criação de grandes e estratégicas empresas estaduais

■ Marcio Sardi



A UDN chegou poder 50 anos



ao

s depois

Partido liberal é agência de empregos

No posto de "candidato a UDN" estão partidos ideologicamente opostos. Tudo depende do ponto de vista. Na opinião de três deputados federais, a UDN pode ser, hoje, tanto o PSDB quanto o PT ou o PFL.

Simão Sessim (PPB/RJ) fala que a proposta de ética e combate à corrupção está personificada no PT, guardada a distância ideológica. "A UDN, no entanto, tinha boa aceitação na classe média, entre os militares, na imprensa e nos empresários", comenta o deputado do Rio de Janeiro.

Já Álvaro Valle (PL/RJ) identifica o PFL como novo partido liberal do país, mas que "tornou-se uma ampla agência de empregos e de favores governamentais, enquanto tentava manter uma aparência de moralismo udenista". Valle acrescenta que "o fim das ideologias e o pós-socialismo sugeriam a criação de um partido liberal no Brasil, mas o PFL foi rapidamente perdendo sua substância doutrinária".

Para os pedetistas, os udenistas apenas mudaram o nome do partido e conquistaram o poder com a aliança PSDB/PFL. "O governo de Fernando Henrique Cardoso tem muito da UDN. Eles eram liberais, e este é um governo neoliberal. Além do mais, muitos componentes do atual governo são remanescentes da antiga UDN", enumera o deputado federal Matheus Schmidt (PDT/RS).

Ao longo da história, quem mais se assemelha à UDN, para a professora Elizabeth Cancelli, foram os partidos republicanos, que surgiram regionalmente. "E o PL, que se criou dentro da própria UDN", finaliza a professora.



PTB fez convenção em 1958. Um dos objetivos foi o de escolher o candidato do partido à Presidência da

Capa

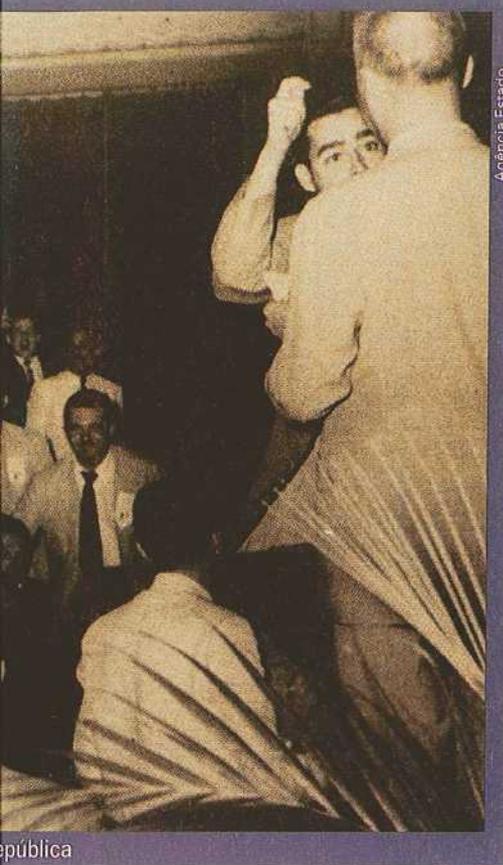
O brechó do Planalto aos primórdios do lib

Quem quiser conhecer um pouco mais sobre a "modernidade" do governo de Fernando Henrique Cardoso vai encontrar tudo o que precisa nos principais autores liberais. Um dos mais recentes, Alfred Marshall, elaborou suas teorias no início do século, o que mostra a repetição do mesmo liberalismo do atual governo ao longo da história. Ora como drama, ora como tragédia.

No Brasil pré-ditadura, a UDN (União

Democrática Nacional) nasceu liberal, elitista e amiga dos norte-americanos. Nunca chegou ao poder. Foram necessários 50 anos para o sonho se concretizar no PSDB, que surgiu propondo exatamente o contrário. Está certo que "alianças espúrias", símbolo do pragmatismo udenista, foram copiadas pelos tucanos para chegar ao poder. As semelhanças começam exatamente nessas aproximações políticas e são mais profundas do que se imagina.

"A história da UDN começa com a união da oposição a Getúlio Vargas numa



Agência Estado

República

"uma tradição conservadora e autoritária". Elizabeth completa que "o exercício do poder no Brasil é um reflexo da sociedade, viciada em termos de ética".

Não é por outro motivo que o PSDB abriga políticos oriundos de partidos liberais no conteúdo e conservadores na ação, como Arena, PDS, PFL, PRN, PPB e, é claro, UDN. Levantamento do jornal Folha de São Paulo aponta mais de 25 deputados federais, que hoje ostentam um tucano na lapela, egressos de legendas partidárias de direita. Tendo eleito 62 membros para a Câmara, em 94, o PSDB começou o ano com 95.

O inchaço parece espelho do que a UDN promoveu, nos idos da década de 40, para se aproximar do poder. "A aliança com Jânio Quadros representou uma mudança de tática", explica Elizabeth. Era parte do que os udenistas, possivelmente irônicos, chamavam de "derrotas vitoriosas", através das quais o partido apegou-se ao poder, mesmo que para

isso adotasse "alianças espúrias e golpismos".

"Talvez nisso o PSDB seja parecido com a UDN. Como se justifica que um partido defenda a social-democracia e, ao mesmo tempo, se alie a setores que advoquem a exclusão?", pergunta a professora da UnB.

A UDN
simbolizava o
partido dos
cartolas

FA

Oposição Com as alianças, a UDN deixava de lado sua principal razão de nascer, o combate à corrupção de assessores diretos de Vargas. Os vícios administrativos, nos quais os udenistas encontraram a forma de

demonstrar seu antigetulismo atávico, foram determinantes para a crise que levou ao suicídio do presidente.

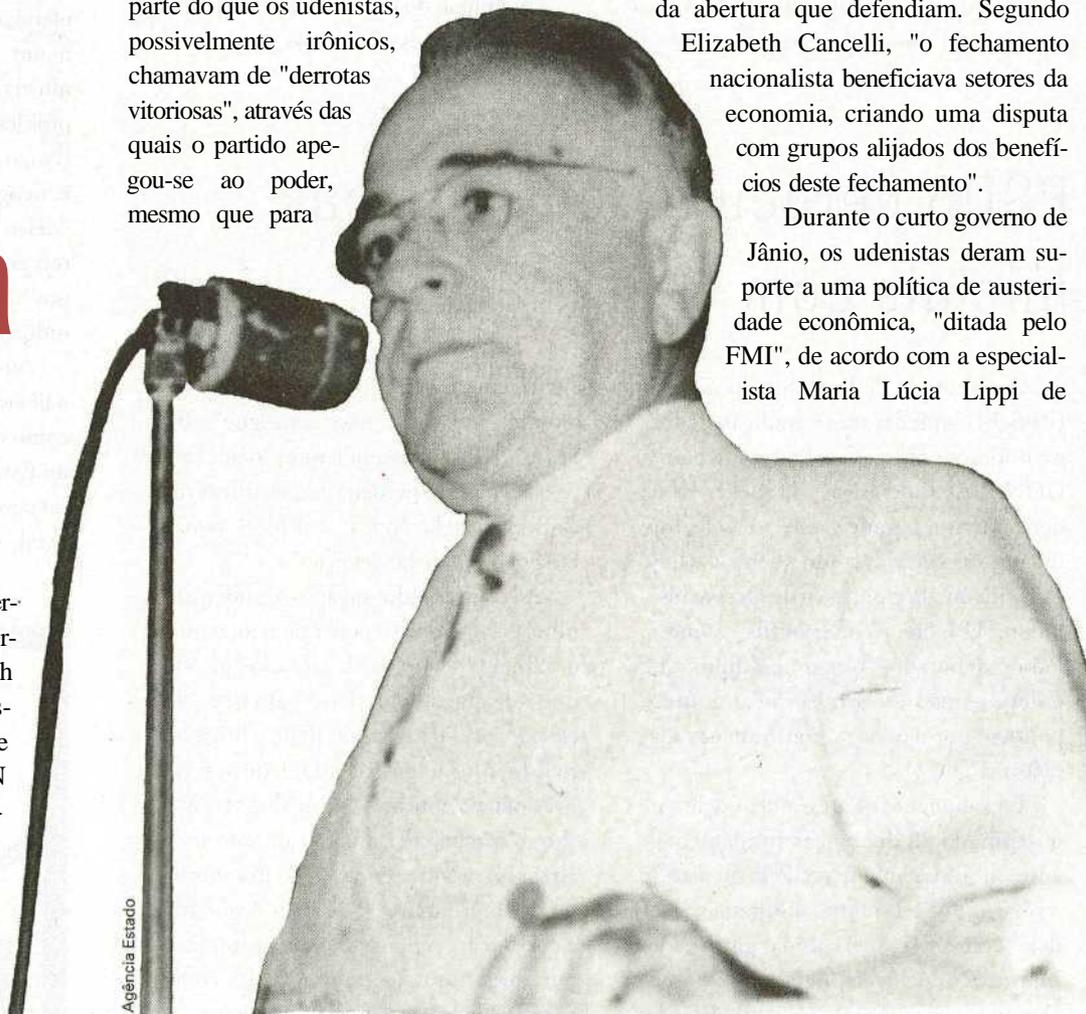
A UDN apoiou-se no pensamento liberal para atacar os trabalhistas. O segundo governo de Vargas exortava ao nacionalismo? Pois então os udenistas era liberais; apenas não sabiam exatamente o tamanho da abertura que defendiam. Segundo Elizabeth Cancelli, "o fechamento nacionalista beneficiava setores da economia, criando uma disputa com grupos aliados dos benefícios deste fechamento".

Durante o curto governo de Jânio, os udenistas deram suporte a uma política de austeridade econômica, "ditada pelo FMI", de acordo com a especialista Maria Lúcia Lippi de

remonta eralismo

frente de contestação ao conservadorismo representado pelo governo", analisa a professora Elizabeth Cancelli, da área de pesquisa e pós-graduação da Universidade de Brasília. Ela acrescenta que "a UDN passou a se identificar com isto a partir do momento em que adotou prática, também, conservadora".

Para Elizabeth, a UDN - que sempre defendeu os interesses da elite - é um exemplo da "exclusão política" causada no Brasil por



Agência Estado

Oliveira. A dureza se mostrava na restrição ao crédito e no congelamento de salários. Ou seja, algo parecido com o que vemos hoje.

Os trabalhistas remanescentes odeiam o governo de FHC, da mesma forma que vestiam a UDN de anticristo. A senadora Emília Fernandes (PDT/RS), em recente pronunciamento na Câmara dos Deputados, disse que "a era Vargas evidencia a possibilidade do desenvolvimento com respeito e valorização do ser humano, desmascarando a excludente e perversa via neoliberal".

A senadora comenta que as bases da economia getulista, tão combatidas pelos udenistas, eram fortalecer o mercado interno e financiar a juros baixos, com investimento público. Em comparação, o governo da UDN, quer dizer, do PSDB, permitiu que, em três anos, "a participação do capital estrangeiro nas receitas empresariais crescesse de 32% para 44,1%". Além disso, foram vendidas várias estatais criadas por Vargas, como a Companhia Siderúrgica Nacional e a Vale do Rio Doce.

Como se não bastasse, o aumento das dívidas interna e externa, característica marcante do atual governo, é provocada pela política de altos juros e incentivo ao capital especulativo internacional. O que diria Getúlio Vargas, autor de três moratórias da dívida externa, se soubesse que o Brasil deve mais de US\$ 210 bilhões no mercado internacional?

Porém, satanizar a UDN não indica que o varguismo tenha a resposta para todos os problemas sociais. O governo de Vargas tomou posições amplamente contestáveis, mesmo que as idéias da UDN fossem ainda piores.

Origens Tudo o que é apresentado como modernidade (ataque ao funcionalismo, atrelamento aos interesses internacionais, abertura econômica) ganhou apenas um prefixo para parecer novo. O liberalismo da UDN e o neoliberalismo da coligação PSDB/PFL têm origem comum, que se perde na história.

No início do século, Alfred Marshall já dizia que gregos e romanos, "espíritos au-

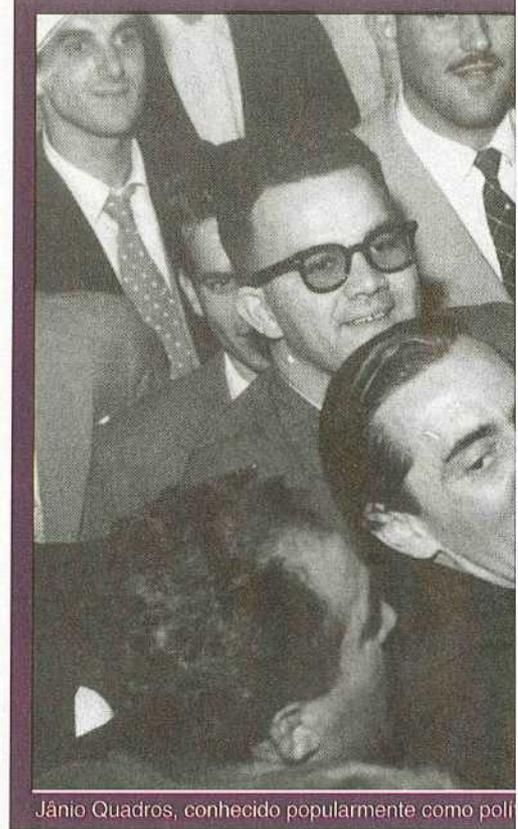
PSDB perdeu características iniciais com o "inchaço"

O deputado federal Simão Sessim (PPB/RJ) lamenta que a tradição de formar líderes políticos acabou junto com a UDN. "As lideranças daquela época deixaram um grande vazio", diz ele, que iniciou sua carreira como udenista e hoje é presidente da Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior da Câmara. Para o deputado, "o regime militar, que criou a Arena e o MDB, foi um atraso político, por desconsiderar posições ideológicas".

É exatamente quanto à ideologia que o deputado vê diferenças fundamentais entre tucanos e udenistas. Pelo menos em teoria. "O PSDB tentou alinhar a social-democracia e figuras como o governador Mário Covas e o deputado Franco Montoro ainda fazem o mesmo discurso

da origem do partido. O presidente tenta manter isso, mas não consegue", diz Sessim. Ele acrescenta que "o inchaço veio e o partido perdeu características iniciais. Naquela época, o PSDB jamais faria o discurso da reeleição".

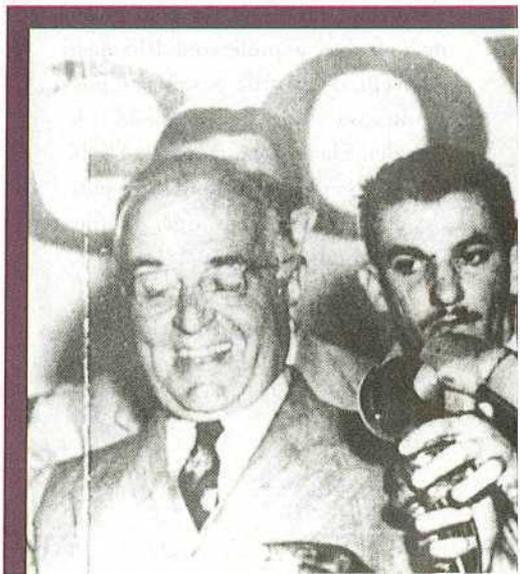
Ao contrário dos tucanos, os udenistas nunca chegaram ao poder de fato, segundo Simão Sessim. E ele cita um episódio que julga ter sido decisivo para isso. Nas eleições presidenciais de 1950, o brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, disputava a Presidência contra Getúlio Vargas. Favorito, o brigadeiro cometeu um ato falho ao discursar que seu governo iria combater os "marmiteiros", querendo se referir à corrupção. A deixa foi bem aproveitada por Vargas, que jogou o udenista contra os trabalhadores e ganhou as eleições.

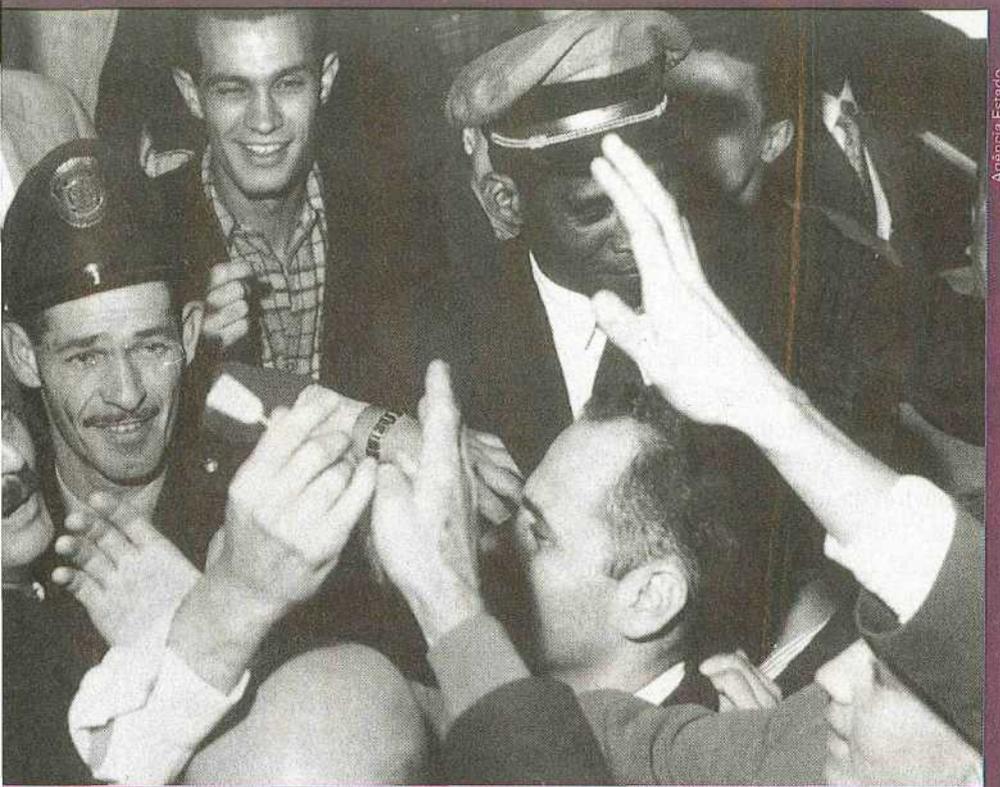


Janio Quadros, conhecido popularmente como poli-

dades", foram os primeiros liberais. "Eram plenos de iniciativa, o que confere interesse maior sobre o motivo por quê pouco conheciam e cuidavam do aspecto social dos problemas econômicos", reconhece, porém, o autor de "Princípios de Economia" e neoguru do "laissez-faire" (o famoso "deixa fazer" liberal). Marshall, que morreu em 1924, identifica os mesmos traços nos bárbaros, ibéricos e nos ingleses da era industrial primitiva.

No entanto, a expressão que consagrou o liberalismo só veio surgir no século XVII, como reação ao mercantilismo - o controle do Estado sobre a economia. A teoria liberal acreditava que a ordem econômica natural, sem regulação e ajustamento, era





Agência Estado

João Goulart, foi eleito presidente do Brasil em 1960 com o apoio da UDN

melhor para produzir o máximo de benefícios para todos. Na prática, o "laissez-faire" levou a abusos, como a exploração do trabalho infantil e a colocação do lucro acima de tudo.

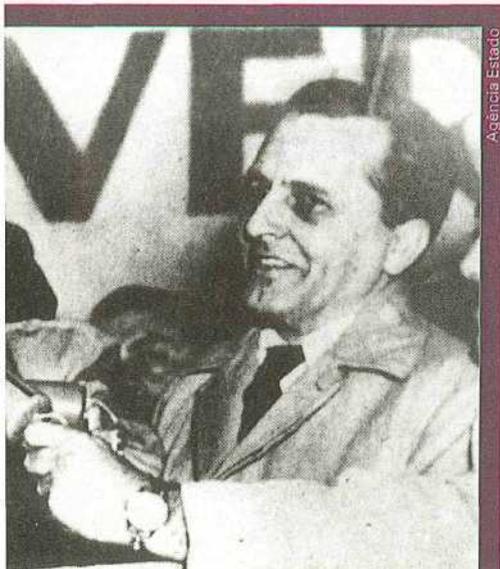
Estes equívocos, com certeza, não foram imaginados por Adam Smith. Na segunda metade dos anos 1700, ele escreveu "A riqueza das nações", primeiro estudo de economia independente da ciência política, ética e direito. Dois outros pensadores impulsionaram o liberalismo: David Ricardo e John Stuart Mill.

Personalidades Adam Smith pode não ter pensado nas criancinhas, mas foi ao liberalismo que

a UDN recorreu para arregimentar partidários a suas fileiras. O magistrado José Carlos Graça Wagner, no livro "Partidos políticos no Brasil", informa que a UDN representava "a classe média liberal da cidade e do campo". Wagner defende o "laissez-faire" por acreditar que "exprime a dimensão individual do ser humano". Para ele, "a dinâmica econômica não pode se subordinar a regras normativas".

O principal nome da UDN foi Carlos Lacerda, apoiador do golpe militar que depois se arrependeu. Mas, entre os udenistas históricos muitos estão até hoje na vida política nacional. José Sarney, um dos líderes da "bossa nova" da UDN, tinha visão reformista. Antônio Carlos Magalhães foi deputado federal pela sigla.

ACM é a figura mais brilhante do udenismo que permanece junto do poder. "A UDN ainda existe no coração de muita gente", ironiza Elizabeth Cancelli. A explicação para a longevidade é o conservadorismo da política nacional, já citado pela professora. Ou, nas palavras de um importante sociólogo chamado Fernando Henrique Cardoso, no livro "Os partidos e as eleições no Brasil", publicado em 1975: "A UDN era quem simbolizava para o trabalhismo e para as massas o partido dos cartolas".



Agência Estado

Trabalhistas históricos não perdoam

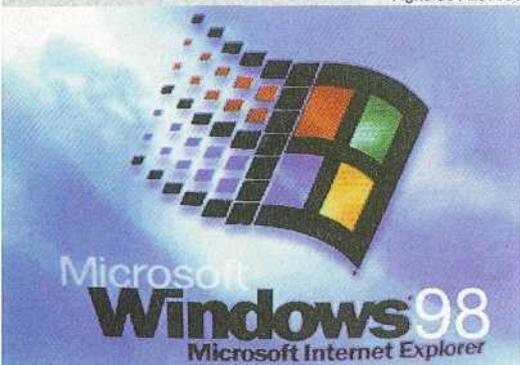
A simples menção à sigla UDN inflama trabalhistas históricos, como o deputado federal Matheus Schmidt e a senadora Emília Fernandes, ambos pedetistas gaúchos. Para o deputado, o agrupamento dos udenistas teve como fim único o combate ao governo de Vargas. "A UDN nasceu com a bandeira da oposição à ditadura e acabou assumindo uma conotação antigitulista", explica Schmidt.

Por isso, falar da UDN é analisar a sua oposição ao governo trabalhista - o que contribuiu, inclusive, para a crise que levou o ex-presidente ao suicídio. Com a morte do caudilho, a UDN foi estigmatizada como o partido que matou Vargas.

Schmidt, apesar disto, reconhece que a frente acabou tomando posições alinhadas ao trabalhismo. O maior exemplo foi o apoio decisivo à criação da Petrobras. De resto, UDN e PTB (o antigo) foram completamente diferentes. "Era um ajuntamento liberal. Muito ligada à defesa dos interesses dos Estados Unidos no Brasil, a frente se engajou no esforço de guerra e depois emergiu na defesa das intenções norte-americanos no Brasil", critica o deputado.

No ano passado, por ocasião dos 43 anos da morte de Getúlio, a senadora Emília Fernandes lembrou que "a era Vargas inaugurou um novo tempo na vida do país, plantando as bases do desenvolvimento econômico, com soberania nas relações internacionais, fortalecimento da produção nacional, promoção dos direitos sociais e valorização dos trabalhadores". Do outro lado, combatendo a política trabalhista, estavam as lideranças da UDN.

Agnaldo Azevedo



Fim trágico

O primeiro homem a viajar pelo espaço morreu há 30 anos de forma prosaica: num acidente de avião. O cosmonauta russo Yuri Alekseyevich Gagarin, a bordo da Vostok I, trafegou em torno da Terra a 27,4 mil quilômetros por hora, afastando-se 327 quilômetros da atmosfera. Era o dia 12 de abril de 1961. Gagarin nasceu em 1934 e morreu em 68, sete anos depois de contar ao mundo que a Terra é azul.

Interesse geral

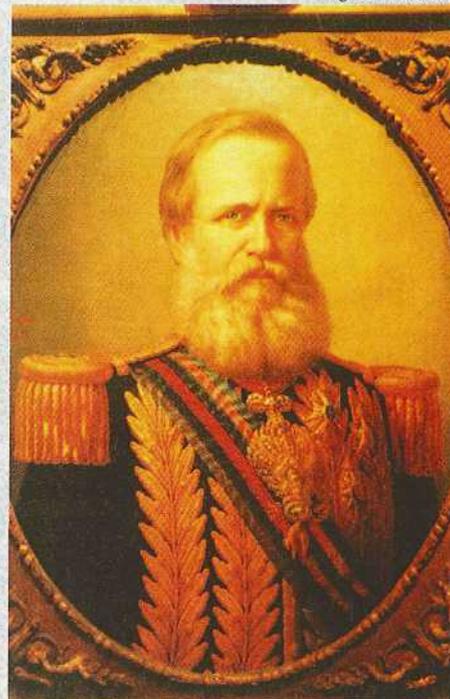
O endereço <http://www2.uol.com.br/info>, da revista Info de fevereiro, traz 101 dicas práticas sobre o Windows 98. O Windows 98 veio para substituir seu homônimo de 95, que equipa nove de cada 10 computadores pessoais brasileiros



Besouro renascido

Um estudo aprofundado do professor alemão Hans Mommsen revela que as primeiras unidades do Fusca foram produzidas com mão-de-obra escrava de campos de concentração, durante o regime nazista. Foi a forma encontrada pela Volkswagen para produzir o carro pedido por Hitler, que custasse apenas mil reichsmarks - a moeda alemã da época. O passado desabonador não diminuiu o sucesso do relançamento do Fusca nos EUA. A forma básica é mantida, mas o design avança - ficando parecido com o que os especialistas chamam de "carro-conceito"

Agnaldo Azevedo



Império nas sombras

Quando se diz que a Internet tem de tudo, é verdade. Exemplo? O endereço www.arsa.com/monarquia/dluiz.html traz a história da vida e das viagens de nosso imperador! Com o título de chefe da casa imperial do Brasil, Luiz de Orleans e Bragança, bisneto da princesa Isabel, nascido em Paris, é apresentado como o beneficiário de uma formação sólida, "à altura das tradições que representa".

Recado urgente

Devido a atraso na distribuição da edição nº 1 da revista FENAE AGORA (fevereiro/98), que fugiu ao nosso controle, divulgaremos o nome do vencedor do sorteio "Encontre o ET" somente na edição de abril. Agradecemos a compreensão de todos os empregados da Caixa Econômica Federal, Brasil afora.



Há 27 anos...

CEF comparece à reunião do CDN

A sétima reunião anual do Conselho Deliberativo da FENAE, em 1979, foi aberta pelo presidente da Caixa Econômica Federal, Gil Gouvêa Macieira. Empregado da CEF, Macieira assumiu o cargo uma semana antes da reunião, em março daquele ano, junto com dois outros empregados da Caixa, em diretoria composta por sete membros.

Sob o título "(Contatos imediatos", matéria no primeiro FENAE Notícias do ano informa que o presidente da CEF "manteve contatos com a FENAE e, na sessão de abertura do CDN, declarou que os aposentados não serão esquecidos".



Também no CDN, cuja reunião aconteceu no edifício-sede da Caixa, em Brasília, a FUNCEF anunciou o credenciamento de novos médicos e hospitais e a mudança no pagamento dos benefícios para os aposentados para o mesmo dia dos vencimentos da ativa. A edição do jornal da FENAE, trimestral, reproduzia na íntegra discurso do presidente da CEF

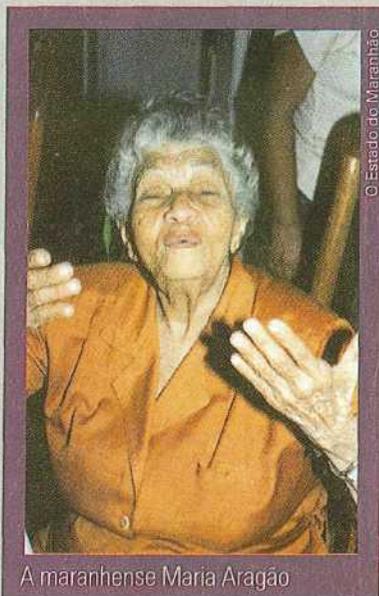
Seis horas Em abril de 79, o Senado Federal começava a discutir projeto que instituiu a jornada de seis horas para o empregado da CEF. O projeto daquela época já estava tramitando desde o ano anterior.

NOSSOS PERSONAGENS

Uma mulher cujo alvo foi passar o Brasil a limpo

Mulher, negra, nordestina, pobre, mãe solteira e... comunista. Não é fácil imaginar todos esses alvos do preconceito e da discriminação concentrados em uma só pessoa. Mas houve, na história recente do nosso país, quem os portasse tornando-se, inclusive, liderança política: a maranhense Maria Aragão.

Nascida em Engenho Central, hoje Pindaré Mirim, em 1910, Maria Aragão conseguiu concluir o curso Normal e, em 1934, foi para o Rio de Janeiro com a mãe



doente em busca de tratamento. Acabou ficando por lá e deu continuidade aos estudos. Tornou-se médica e passou a exercer sua profissão em prol dos necessitados, do povo carente.

Em 1945, entrou para o Partido Comunista Brasileiro (PCB). A decisão foi tomada na noite em que es-

teve em um comício do qual participaram Luís Carlos Prestes e o poeta chileno Pablo Neruda.

Maria abraçou as idéias do "Cavaleiro da Esperança" e, anos depois, retornou ao Maranhão, onde atuou no grupo de mulheres 8 de Março, no Sindicato dos Médicos e na CUT. Foi perseguida, torturada e presa cinco vezes. Morreu aos 81 anos de idade, em 1991.

Amigos seus criaram em São Luís o Instituto Maria Aragão. A próxima homenagem deverá ser a construção do Memorial Maria Aragão, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, em uma praça da cidade que também leva o nome da médica e militante comunista.

Diminui a produção de alimentos para o consumo

Nem frango, nem iogurte. Para medir o consumo de alimentos pelo brasileiro, nada melhor que os produtos básicos de qualquer prato popular: arroz e feijão. Em 93, a produção de arroz chegou a 75,5 quilos por habitante. No ano passado, caiu para 73,1 quilos. Com o feijão, a situação é semelhante. Em três anos, a produção caiu de 21,2 para 20,3 quilos por habitante.

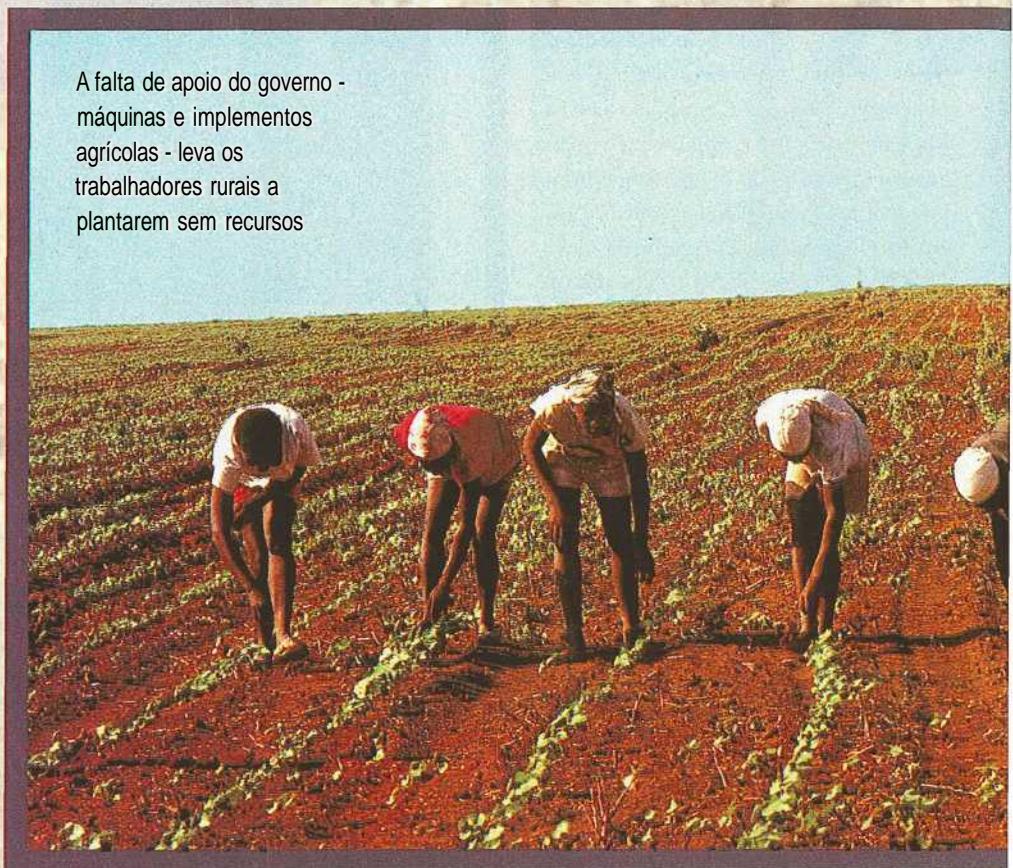
O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) fala que isso acontece por dois fatores. Primeiro, porque o governo federal dá incentivos apenas aos grandes produtores, que se dedicam quase que exclusivamente à agricultura de exportação, e esquece da agricultura familiar, responsável por grande parte da produção para o mercado interno. Depois, porque esta mudança de política deveria incluir o incentivo real à reforma agrária, para gerar mais emprego e mais alimentos.

A inversão de prioridades causou a queda na área plantada de alimentos desde o início do Plano Real - são 41 milhões de hectares a menos, de acordo com a assessoria do Núcleo Agrário do PT na Câmara dos Deputados. E, ao mesmo tempo em que a produção de alimentos se mantém em 70 milhões de toneladas desde 1986, a população cresceu em progressão geométrica. Para o MST, nada menos que 50 milhões de famílias não comem o necessário. Para o governo, ao contrário, a população tem comido melhor. Do frango e iogurte para o feijão com arroz, são muitas as polêmicas envolvendo a questão agrária nacional.

A antiga bat

Quatro milhões de famílias vivem mendigando emprego, pois

A falta de apoio do governo - máquinas e implementos agrícolas - leva os trabalhadores rurais a plantarem sem recursos



No centro da discussão travada entre governo federal e MST sobre a reforma agrária, estão pessoas que ocupam fazendas improdutivas, acampadas às margens de rodovias ou até gente que já está na posse da terra, mas sem acesso a financiamento. O governo diz que assentou 81.944 famílias em 97. Para o MST, o número chega a apenas 16.457 assentamentos.

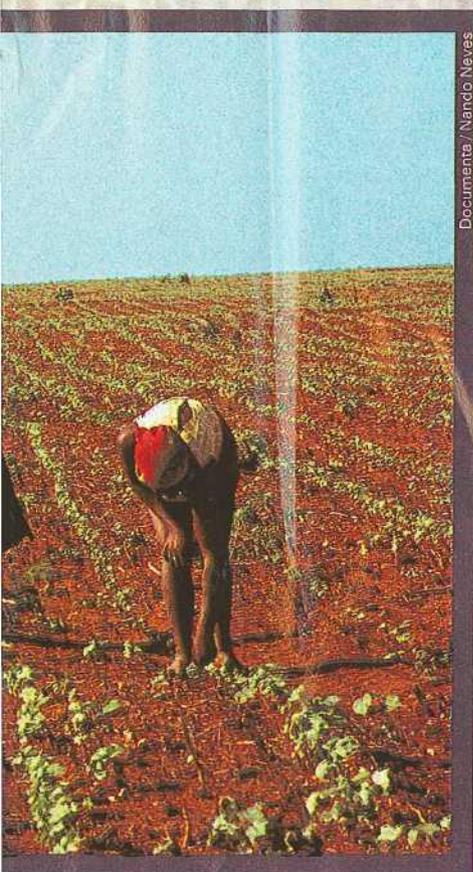
"Os números não combinam porque o governo se refere à desapropriação de áreas, o que não significa assentamento efetivo em todas, mesmo que haja pessoas nas terras", ex-

plica Francisco Dal Chiavon, dirigente do movimento. Ou seja, para o MST, a reforma agrária inclui recursos suficientes para produzir, com escola para os filhos e estrada para escoar a produção. Ao governo, basta dar a terra.

Mesmo insistindo nesta política, vai ser necessária muita terra para assentar todo sem-terra. Segundo Dal Chiavon, "a demanda é de quatro milhões de famílias, que vivem em pequenas cidades ou na beira de estrada, mendigando emprego". O MST avalia que parte do problema pode ser resolvido em quatro anos, tempo necessário para assentar um milhão de famílias. "Geraria, diretamente, dois milhões de empregos no campo. Cada emprego direto

aloha pela terra

apenas 16.457 assentamentos foram realizados pelo governo, afirma o MST



Documenta / Nando Neves

produz dois indiretos. Teríamos, então, seis milhões de vagas, total que atividade industrial nenhuma pode atingir em tão-pouco tempo", explica o dirigente dos sem-terra.

Mas a cadeia produtiva não termina por aí. Dal Chiavon cita segurança pública, queda nos preços agrícolas, melhores condições de trabalho e reversão do êxodo rural como principais benefícios proporcionados, às cidades, pela reforma agrária. A relação entre cidade e campo fica ainda mais clara quando se sabe que 65% da população brasileira vivem em municípios com menos de 100 mil habitantes, que dependem da agricultura.

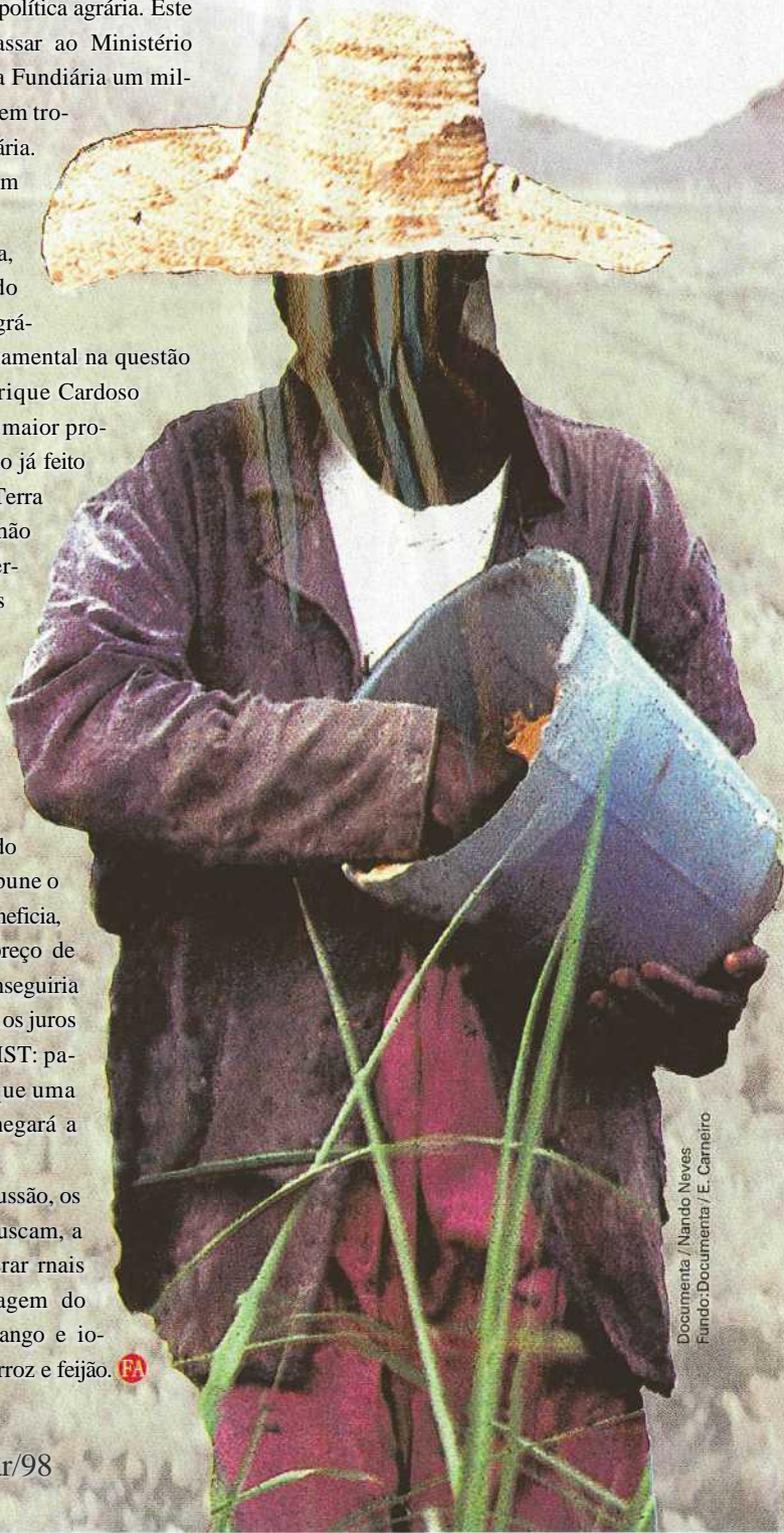
Do outro lado, o governo anuncia sua dis-

posição de manter a desapropriação como principal instrumento de política agrária. Este ano, o INSS deve repassar ao Ministério Extraordinário de Política Fundiária um milhão de hectares de terras, em troca de títulos da dívida agrária. O Banco do Brasil também fará a troca.

O Banco da Terra, nome de fantasia do Fundo de Terras e da Reforma Agrária, é outra aposta governamental na questão fundiária. Fernando Henrique Cardoso já declarou que este é "o maior programa de crédito fundiário já feito no Brasil". O Banco da Terra vai disponibilizar R\$ 1 bilhão para trabalhadores sem-terra e pequenos produtores comprarem lotes com prazos de até 20 anos para pagamento e juros de 12% ao ano.

Mas até isso é criticado pelo MST Dal Chiavon é taxativo: "O defeito do Banco da Terra é que não pune o latifúndio, ao contrário, beneficia, porque vende a terra a preço de mercado, o que não se conseguiria em condições normais". E os juros são impraticáveis, para o MST: pagar 12% ao ano significa que uma dívida de R\$ 2.000,00 chegará a R\$10.000,00 em 15 anos.

Às margens desta discussão, os trabalhadores sem-terra buscam, a sua maneira, terra para gerar mais produção. Ou, na linguagem do próprio governo: mais frango e iogurte, mas também mais arroz e feijão. 



Documenta / Nando Neves
Fundo: Documenta / E. Carneiro

Quem está desemp

Os critérios do IBGE para medir o desemprego tentam camuflar a política econômica do governo FHC

Em janeiro, o estudante mineiro Rodrigo Bonfim, 20 anos, trabalhou por dois dias como intérprete de um grupo de empresários que esteve em Brasília a negócios. Durante o mês, Bonfim procurou emprego, sem sucesso, em anúncios de jornal e contatos com amigos. Para o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), o mineiro é desempregado - na categoria de desemprego oculto pelo trabalho precário. Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ele está ocupado.

O caso de Rodrigo Bonfim é apenas um exemplo de uma discrepância que, à primeira vista, é simplesmente conceitual, mas que possui um aspecto político relevante. De acordo com a metodologia utilizada, por exemplo, o desemprego na grande São Paulo pode variar de 5% para mais de 14%. "Para os que adotam os dados do IBGE, o desemprego no Brasil está próximo dos dados internacionais mais favoráveis e, portanto, não precisa ser objeto de atenção especial",

crítica o economista Antônio Prado, coordenador de produção técnica do Dieese.

A controvérsia entre os índices de pesquisa já provocou a "primeira vítima": o governo estadual do Paraná rompeu, no início de janeiro, parceria com o Dieese para realizar a pesquisa de desemprego. "Chegou a vez de enfrentar os equívocos que tentam caracterizar o governo do estado como vilão e algoz de uma metodologia", discursou o secretário paranaense do Planejamento, Miguel Salomão.

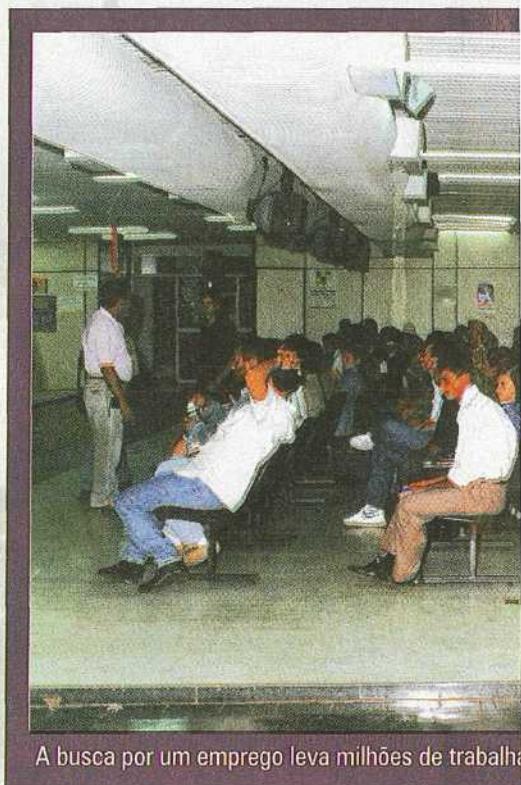
O secretário questionou a inclusão de menores de 15 anos na População em Idade Ativa (PIA). Segundo o Dieese, no entanto, Curitiba foi a segunda capital com maior índice de exploração do trabalho infantil em 96, ganhando apenas de Belo

Horizonte. O supervisor do Dieese, Cid Cordeiro, rebate que "em ano de eleição, o governo quer mostrar um índice baixo de desemprego na região".

Conceitos Se o desemprego é um só, por que os dados não são iguais? Tanto o IBGE, que aplica a

Quem fez
um bico no
mês não é
desempregado

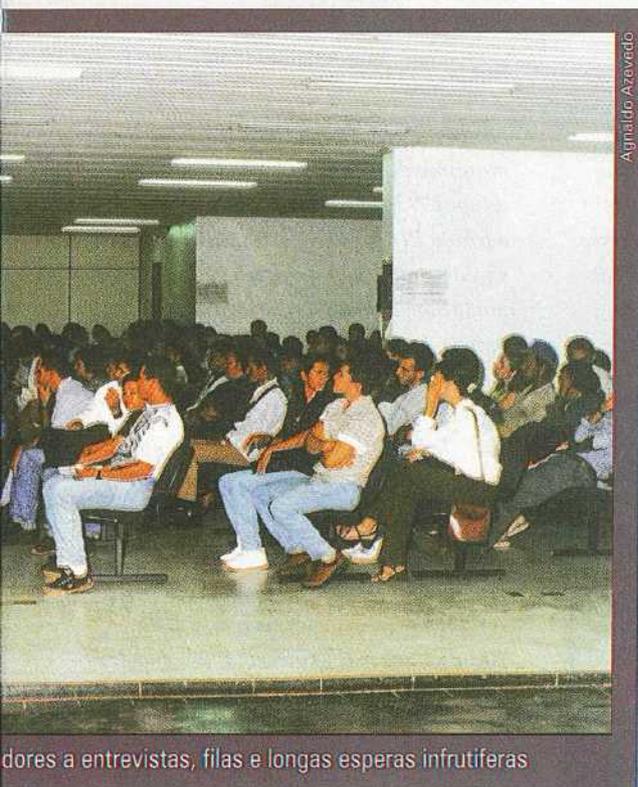
EA



A busca por um emprego leva milhões de trabalha

Pesquisa Mensal de Emprego (PME) em nove grandes cidades, quanto o Dieese, operador da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) em seis regiões metropolitanas, se baseiam nas definições da Organização Internacional do Trabalho. Para a OIT, desempregados são todos aqueles que não tenham emprego assalariado ou autônomo, que estejam disponíveis para trabalhar e buscam colocação através de medidas concretas. O anuário estatístico da instituição acrescenta que "as definições nacionais podem diferir do padrão internacional recomendado" para captar melhor as particularidades de cada mercado de trabalho.

pregado?



Agmaido Azevedo

dores a entrevistas, filas e longas esperas infrutíferas

A diferença está nos parâmetros utilizados. O Dieese elaborou a metodologia da PED em conjunto com a Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), da Secretaria de Estado do Planejamento de São Paulo. Documento da fundação observa que os critérios normais de desemprego refletem "tipologia insuficiente para descrever a diversidade do mundo do trabalho". Em outras palavras, medir desemprego no Brasil requer jogo de cintura para perceber, entre outras coisas, que um "bico" no final de semana não é suficiente para que a pessoa seja considerada ocupada - como quer o IBGE.

Assim, o IBGE identifica pessoas ocupadas ou inativas em boa parte das situações que o Dieese classifica como desemprego. A metodologia da PED leva em conta, ainda, fatores como o baixo índice de registro em carteira, rotatividade excessiva, baixos salários e jornada de trabalho extensa.

Recomendações

Além de permitir alterações na metodologia para acolher diferenças nacionais, a OIT também vem recebendo sugestões para alterar recomendações internacionais. Um dos critérios conflitantes, por exemplo, é determinar o tempo de procura de emprego. Para a PME, do IBGE, desempregado é aquele que, sem emprego, procurou ocupação nos últimos sete dias. O prazo, para a PED, é de 30 dias, "mesmo total dos Estados Unidos, Alemanha, França e Itália", informa a socióloga Marise Hoffman, do Dieese. Chile e México, que vivem realidades semelhantes à brasileira, estendem este prazo para dois meses.

Definir uma metodologia adaptada ao desemprego no país não significa apenas encontrar números para satisfazer o governo ou a oposição. O economista Antônio Prado alerta que "culpar o termômetro pela febre é uma atitude evasiva. O momento exige que sejam criadas condições para reverter rapidamente o problema inverso do desemprego".

A falta de critérios do IBGE

Cansada de gastar dinheiro com ônibus, Edite Regina de Mendes, desempregada há um ano, resolveu no início de 98 parar de procurar ocupação. Resultado para as pesquisas: O Dieese classifica dona Regina no "desemprego oculto pelo desalento", ou seja, como uma pessoa que interrompeu sua procura, embora queira trabalhar, desencorajada pelas condições do mercado ou por razões circunstanciais. A situação dela para o IBGE? Inativa...

As diferenças continuam, o que explica a diferença nos índices. Se dona Regina tivesse procurado emprego num mês, mas não na última semana, continuaria inativa (quem não está ocupada nem desempregada) para o IBGE, mas estaria incluída no desemprego aberto para o Dieese - ou seja, na definição clássica de desemprego.

O marido de Edite, Pedro Sena Filho, quando pode vende coco gelado, além de procurar ocupação fixa. É um trabalho esporádico, mas que serve para o IBGE classificá-lo como ocupado. Para o Dieese, nada disso: seu Pedro está em desemprego oculto pelo trabalho precário, ou seja, realizou atividade descontínua e irregular ao mesmo tempo em que procurou trabalho.

Assim, é possível saber porque o desemprego em São Paulo passa de 16,3% para 7,02% - dados do mês de setembro do ano passado, data-base dos bancários. Em 95 e 96, a história é a mesma: 14,8% contra 6,22% e 13,3% contra 6,53%, respectivamente para Dieese e IBGE.

De erro em erro, rumo à crise

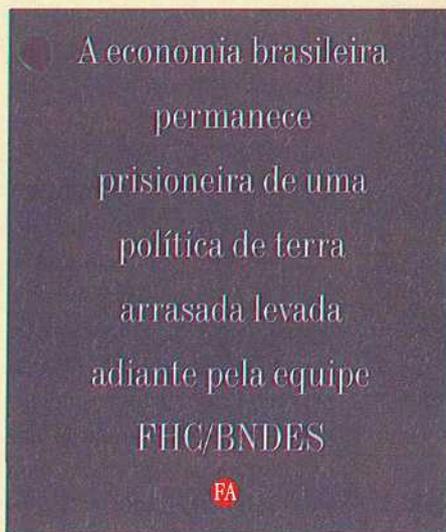
■ I Aloysio Biondi

Com seu humor negro, a equipe FHC/BNDES continua a fazer pilhéria com a gravidade dos rumos da economia

brasileira. Em pleno fevereiro, o ministro Malan repete que o desemprego é um "problema localizado", isto é, exclusivo de São Paulo. Dias depois, o próprio IBGE mostra que, em dezembro, e mais uma vez, as demissões avançaram na indústria de todo o país, com queda de 4% até no Nordeste (apontado como novo Eldorado da indústria, pela imprensa capachilda). E, diz o IBGE, no país todo, de 1990 para cá, a indústria nacional cortou nada menos de 40% (quase a metade...) de sua mão-de-obra. E a inadimplência galopante? Dizia-se que as vendas de Natal do comércio foram fracas porque "o consumidor preferiu utilizar o 13º salário para reduzir suas dívidas. A realidade? No mês de dezembro, o número de cheques sem fundos, já em constante evolução nos anos recentes, teve um desempenho espantoso: simplesmente dobrou, de 1,0 milhão para 2,2 milhões. A política de terra atrasada do governo Fernando Henrique vai mostrando cada vez mais o perfil: o poder de consumo do brasileiro foi destruído com o desemprego, o escancaramento às importações, o achatamento do vencimento do funcionalismo, os juros escorchantes que estão quebrando o próprio Tesouro, além dos Estados e Municípios. A economia é uma bola de neve, rolando ladeira abaixo.

Na aparência, haveria apenas uma área

em que o otimismo de Brasília teria justificativa, a saber, a estratégia montada para atrair dólares e tentar afastar a ameaça de desvalorização do Real. Em fevereiro, houve efetivamente uma "enxurrada" de US\$ 6,0 bilhões para o país. Mas - e os banqueiros sabem muito bem disso - o grosso desse di-



heiro se destinou apenas ao "jogo de ganhar juros", aproveitando brechas (maquiavelicamente?) deixadas pelo Banco Central nas normas sobre o capital estrangeiro (em bom português, 'fraudes oficializadas' na chamada 63 caipira, e operações fictícias com ações). Como grande atração, óbvio, as maiores taxas de juros do mundo que acabam por atrasar o Tesouro. Uma política de dias contados, já que o "'rombo' do setor público é um dos principais indicadores aos quais banqueiros e investidores estrangeiros prestam

atenção. E ele, desmentindo mais uma vez o otimismo da equipe FHC, acabou estourando em 1997, aproximando-se do equivalente a 6% do PIB - apesar do dinheiro da privatização e tudo... Um resultado que parecerá ainda pior, quando se descobrir, daqui a algum tempo, que o PIB é menor do que o Banco Central diz e, portanto, o "'rombo' é proporcionalmente maior.

Tenta-se, ainda e sempre, esconder a realidade, acenando-se com a possibilidade de saldos na balança comercial, graças ao avanço das exportações agrícolas nestes próximos meses. A melhora seria passageira. E, certamente, abaixo das expectativas de Brasília: soja e café enfrentam um ano de superprodução mundial e, com a queda dos preços, renderão menos no comércio internacional (em dezembro, a soja era vendida a R\$ 19,00 a saca, no interior do Paraná; no final de fevereiro, em torno de R\$14,00). E o Brasil, devido à queda da produção, importará arroz e milho - produtos que, inversamente, estão custando mais dólares este anos.

No plano interno, perspectiva de agravamento do rombo da União e Estados, devido à queda na arrecadação, provocada pela recessão. No externo, desconfiança diante do "'rombo' nas finanças. A economia brasileira permanece prisioneira de uma política equivocada.

I Aloysio Biondi,
jornalista

Vêm aí os mais disputados Jogos da FENAE

As praias, o Pelourinho, as igrejas os fortes de Salvador vão servir de moldura para os mais disputados Jogos da FENAE. O fim das eliminatórias garantiu a representação das 27 APCEFs e, com isso, 1.800 atletas e técnicos disputarão medalhas em 12 categorias diferentes.

A coordenação do evento reservou 15 locais para as provas de basquete, futebol Soçaite (e Soçaite veterano), futsal, vôlei, vôlei de praia, sinuca, damas, tênis de campo e de mesa, além de várias modalidades de natação e atletismo. Com o auxílio da filial da Fenaetur em Salvador e da APCEF/BA, já está sendo finalizada a parte de alimentação, hospedagem e recepção dos atletas.

A quinta edição dos Jogos da FENAE vai custar R\$ 1 milhão, sem contar com hospedagem e alimentação. "Pará financiar a disputa, as associações e os atletas se dedicaram, no ano passado, à venda de carnês de prêmios, assumindo uma parceria com a FENAE para bancar o evento", informa Jorge Cruz Marçal, diretor de esportes da FENAE. Ao longo do ano, foram sorteadas quatro passagens para a Disney e dois automóveis Palio.

A origem dos Jogos remonta a 1975, quando as disputas entre os empregados da CEF eram financiadas pela própria empresa. O último evento desta fase aconteceu em 1984, no Rio de Janeiro. A Caixa cortou a subvenção quando a categoria ensaiou as primeiras greves. Encampada pela FENAE, a disputa foi retomada em 87, em Belo Horizonte. As sedes seguintes foram Natal (89), Vitória (91) e Curitiba (94).

Praias, danças, músicas e axé

Os 50 quilômetros de orla esperam os desportistas



Tyba / Rogério Reis

Salvador merece que sua baía se chame de Todos os Santos. A começar por um de seus maiores símbolos, o Pelourinho, que recebe desde ensaios do Olodum até recitais eruditos. "Estar em Salvador e não ver o Pelourinho é como ir a Brasília e não conhecer o Palácio do Planalto", compara Bobó, que comandou o Bahia na conquista do título nacional, em 1988. Bobó, nascido Raimundo Nonato Tavares da Silva, garante que a reforma recuperou a beleza do Pelô, "o ponto mais visitado da capital".

Completando Bobó, a presidente da APCEF/BA, Maria Auxiliadora Gama, fala que "quem não conhece Salvador vai encontrar muitos encantos e magias". As



A histórica arquitetura colonial ainda se faz presente em diversos pontos da capital baiana

atrações estão distribuídas em incontáveis igrejas, fortes, faróis, praias e restaurantes. Para ver ao menos algumas, nada melhor que começar pelas igrejas e mosteiros. São Francisco, Ordem Terceira - que formam um conjunto impressionante-, Nossa Senhora do Monte Serrat, Boa Viagem, Carmo, São Bento, Catedral Basílica e Senhor do Bonfim são alguns dos muitos templos imperdíveis.

Depois de planejar peregrinações para invocar proteção divina, é a vez de voltar-se para a proteção material. A primeira fortaleza da cidade é Santo Antônio, que abriga o farol da Barra. Mas tem ainda São Diogo, São Pedro, Monte Serrat, São Paulo

da Gamboa e São Marcelo. A procura por tantas construções pode ser intercalada por uma volta no elevador Lacerda, de 72 metros de altura, que liga a cidade alta à cidade baixa, ou então na praça Castro Alves, de onde se tem uma vista maravilhosa.

Para descansar das andanças, basta escolher entre uma das praias que pontilham os 50 quilômetros de orla. As opções começam pela praia do Flamengo e passam por Pituba, Itapoã, Corsário, Artistas, Armação, Amaralina, Rio Vermelho, Jardim de Alah, Farol da Barra e Ondina. A ordem não importa: a beleza é similar. Quer mais? Na baía de Todos os Santos, a maior do Brasil, com 1.100 quilômetros

quadrados, 55 ilhas esperam pelo turista.

Todo este exercício não dispensa um mergulho na culinária baiana, que mistura temperos fortes e coco para inventar pratos apetitosos. O craque Bobô cita dois restaurantes que sintetizam os sabores de Salvador: Dadá e Bargaço.

Jogos De 17 a 25 de abril, Salvador sedia os V Jogos da FENAE. O cenário incomparável da capital baiana vai ser pano de fundo para a maior competição esportiva já realizada entre os empregados da CEF, já que todas as APCEFs estarão representadas. O caldo esportivo está pronto. Em abril, Salvador vai ferver. 🍷

Primeira capital do país guarda história e tradição

Salvador foi cobiçada por holandeses e depois pelas tropas da Coroa

Por mais consagrados que sejam o dia sete de setembro e o grito do Ipiranga, os baianos comemoram a Independência do Brasil em dois de julho. Neste dia, em 1823, o Exército brasileiro libertava Salvador das tropas da Coroa, que fazia da capital baiana seu foco de resistência.

Dois de julho é apenas uma entre as tantas peculiaridades históricas daquela que foi a maior cidade colonial do Atlântico Sul. Cabral chegou ao Brasil desembarcando na Bahia, em abril de 1500. Em novembro do ano seguinte, coube ao navegador italiano que deu nome ao continente, Américo

Vespucci, fundear na baía de Todos os Santos.

O centro histórico da capital baiana é testemunha da época em que Salvador foi sede da colônia, entre os anos de 1549 e 1763. Salvador já nasceu capital, fundada exatamente em 1549 por Tomé de Souza, o primeiro governador-geral do Brasil.

Durante o período colonial, Salvador foi cobiçada pelos holandeses, que tomaram a cidade em maio de 1624 com uma esquadra de 26 navios e exército de mil soldados, pondo a população em fuga. Menos de um ano depois, 12 mil homens de uma armada luso-espanhola libertaram a capital. Em 1627, a holandesa Companhia das Índias Ocidentais tentou tomar Salvador outra vez. Após 20 dias de batalha naval, os invasores foram rechaçados e se estabeleceram em Pernambuco, outro grande centro produtor de açúcar.

O papel de "armazém de abastecimento" da Metrópole lusitana transformou Salvador em palco de várias revoltas contra o domínio português, sob influência das idéias da Revolução

Francesa. Curiosamente, Salvador foi também o destino da família imperial. Foi à Bahia que D. João VI aportou antes de seguir para o Rio de Janeiro. Fugia de Napoleão, que tomou Lisboa em 1808. Por escapar às garras do francês, o rei português teve melhor sorte que Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatário da capitania da Bahia, uma das cinco capitanias que hoje formam o estado. O nobre português trouxe uma centena de colonos para plantar algodão e cana-de-açúcar, as primeiras riquezas baianas. Mas a empreitada durou pouco. Em 1536, capturado pelos índios tupinambás perto da ilha de Itaparica, Coutinho foi devorado.



Tyba / Documentos / Renata Melo

Frevo perde o passo de Capiba

■ *Tárik de Souza*

Com a morte de Capiba na passagem do ano, desapareceu o outro pulmão do frevo tradicional pernambuco. Ao lado de Nelson Ferreira (1902-1976), autor do clássico "Evocação", que tomou o carnaval de 1957, Lourenço da Fonseca Barbosa, o Capiba ("apelido de julgamento teimoso") também falou de Pernambuco para o mundo. Se Nelson emplacou valsas como "Diga-me" e "Minha adoração" na voz de Francisco Alves e o frevo-canção "Veneza americana" na ginga da sambista carioca Aracy de Almeida, seu rival foi ainda mais longe. A exemplo do gaúcho Lupicínio Rodrigues, que sempre morou no sul, Capiba não precisou deixar o nordeste para empilhar sucessos nacionais como o maracatu "É de Tororó" (incluído numa peça de teatro de revista de Jardel Jércolis que excursionou pelo Brasil, Espanha e Portugal), o samba-canção "Maria Bethânia" (que inspiraria Caetano Veloso ao nomear a irmã), na voz de Nelson Gonçalves, a valsa "Serenata suburbana" (sucesso de Ângela Maria) e até

a bossa nova "A mesma rosa amarela" (com Carlos Pena Filho), que Maysa gravou.

Capiba também assinou músicas para peças de Hermilo Borba Filho, Maquiavel, Garcia Lorca, Joaquim Cardoso e Ariano Suassuna, com

Ao lado de Nelson
Ferreira e Lourenço
Fonseca Barbosa,
Capiba é o outro
pulmão do frevo
tradicional de
Pernambuco



quem fundaria o movimento armori-ai pernambucano, formador de jovens como Antônio Nóbrega, que o homenageou no recente show e disco "Madeira que cupim não rói". Induzido à música a partir da convivência com o pai, o maestro Severino Atanásio, este pernambu-

cano de Surubim (a mesma cidade natal do animador Chacrinha) criou da "Valsa verde" ao "Maracatu elefante", "Minha ciranda", "Cem anos de choro", o samba-canção "Cais do porto", o baião "São os do norte que vêm" (classificado no II Festival da Canção no Rio, em 1968) e o tango "Flor das ingratas". Mas foi nos diversos formatos de frevo ("Olinda cidade eterna", "Recife cidade lendária", "É de amargar", "Europa, França e Bahia", "A pisada é essa") que Capiba deixou sua marca de gênio, articulador de sopros e cadências. Recentemente, a Funarte reeditou o disco gravado em 1984 em sua homenagem, mas há outro que Raphael Rabello produzia - participações de astros como Chico Buarque, Gal Costa, Paulinho da Viola, Caetano Veloso, Ney Matogrosso, João Bosco - que ficou inacabado com a morte precoce do violonista. É hora de um mutirão para retomar o projeto e colocá-lo na rua - o lar dos frevos do mestre.

Tárik de Souza,
jornalista 

Uma artista à frente do seu tempo

Chiquinha Gonzaga viveu da música e para a música

Pioneira, revolucionária, maestrina, Chiquinha Gonzaga acumula feitos e elogios. Figura folclórica na música popular brasileira, é a autora da primeira canção carnavalesca em nosso país, "Ô abre alas", até hoje tocado em quase todos os bailes.

Nascida Francisca Edwiges Neves Gonzaga, em 17 de outubro de 1847, Chiquinha Gonzaga esteve à frente do seu tempo. Filha de mãe humilde, sem querer contribuiu para que o pai, de família abastada, assumisse o casamento com a mãe, pobre e mestiça - um drama para a época.

Educada para ser uma dama, Chiquinha aprendeu a ler e a escrever, a fazer contas e ... a tocar piano. Obrigada a casar-se aos 16 anos com um jovem "garboso", de uma família de posses, cresceu ao som das polcas, maxixes, valsas e modinhas, compondo sua primeira música em 1858.

Mas ela era indomável.

Insatisfeita com o casamento, cinco anos depois das núpcias sai de casa e leva os filhos. É quando entra em sua vida o afilhado do pai e flautista, Joaquim Antônio da Silva Calado. Ele a leva para as rodas de chorões e para o mundo musical. Aí começa uma carreira brilhante.

A polca "Atraente", de 1877, é seu primeiro grande sucesso. Apesar das dificuldades, uma mulher separada viver da música naquela época era impensável;

Chiquinha Gonzaga

galga o sucesso passo a passo. A partir daí suas polcas e maxixes caem no gosto popular.

Em 1889, pouco antes da proclamação da República, chegou a se apresentar para "Suas Majestades Imperiais".



Documentação / Nairdo Neves

Maestrina compôs mais de duas mil canções

Chiquinha Gonzaga foi pioneira. Após o sucesso da polca "Atraente", suas músicas chegaram aos teatros e ruas. Compôs mais de duas mil músicas entre modinhas, valsas, maxixes, canções e muito mais.

Sobreviveu das aulas de piano durante muito tempo, demonstrando uma forte personalidade que não se submeteu aos costumes conservadores da época.

Entre suas conquistas uma das maiores foi a participação na campanha abolicionista ao lado de José do Patrocínio.

Sua contribuição para firmar um estilo de música eminentemente nacional foi decisiva. Mas, também fora dos palcos ela obteve sucesso. A partir de 1903 começa a luta pelo reconhecimento do direito autoral. Em 1916 o Congresso Nacional aprovou projeto que dispunha sobre a propriedade literária e artística. Um ano depois ela fundou a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), que firmou-se como protetora dos direitos autorais dos artistas.

A música popular brasileira jamais viu outra mulher que tanto contribuiu para nossa cultura.



Agnaldo Azevedo

Tricampeão de bem com a vida

Foi-se o tempo em que ele trabalhava como mecânico na capital da República. O autó-

dromo de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, foi rebatizado com um nome que se tornou um dos orgulhos do automobilismo brasileiro: Nelson

Piquet Uma singular homenagem para quem, por mérito próprio, conquistou o Campeonato Mundial de Fórmula 1 por três vezes (1981-1983-1987) e venceu, igualmente, 22 Grandes Prêmios na categoria.

De bem com a vida, aos 42 anos, o ex-piloto e hoje empresário Nelson Piquet não pára nunca. Desde fevereiro de 1996, Piquet é o "dono" do autódromo de Brasília, arrendado ao governo do Distrito Federal por 20 anos. Guiar em circuitos de automobilismo é a sua grande paixão. Uma experiência que Piquet considera indescritível. Ele resume o script: "A sensação de velocidade é incomparável. Aquele asfalto lisinho, fazer todas as curvas de pé embaixo, naquela velocidade". Confira alguns trechos da entrevista que Piquet concedeu à **FE-NAE AGORA**.

Nelson Piquet

FA - A que você atribui o fato do Campeonato Mundial de Fórmula 1 não despertar no público brasileiro o mesmo interesse de antes?

Piquet - No Brasil o torcedor não segue as provas, o esporte, mas só as vitórias. Como não tem nenhum brasileiro ganhando, o pessoal perde o interesse.

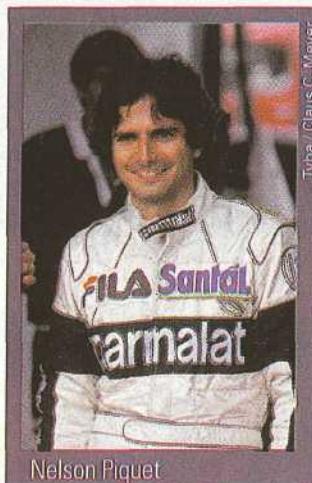
FA - Qual o futuro da F1?

Piquet - A F1 sempre vai ser especial. Existe uma evolução constante de tecnologia e uma renovação freqüente de pilotos.

FA - Você acha que a Fórmula Indy está "roubando" público da F1?

Piquet - Comparar a FIndy com a F1 é a mesma coisa que comparar Copa do Mundo de Futebol com a Copa do Brasil. Quem gosta de automobilismo consome todas as modalidades e a F1 é a expressão máxima da categoria. A FIndy tem todo um puro conceito e, na sua liga, também é a expressão máxima.

FA - Quais são



Nelson Piquet

os projetos para o autódromo de Brasília, que você passou a ser "dono" desde fevereiro de 96?

Piquet - O autódromo de Brasília tem sido o palco onde está nascendo um novo tipo de automobilismo e de relacionamento da comunidade com o automobilismo. Trouxe uma prova internacional e lancei a Espron/BMW, uma categoria regional (que vai ser até preliminar do GP Brasil de

F1), de baixo custo e alta competitividade. Incentivei as reuniões de grupos de motoqueiros, colecionadores de carros antigos, amantes de som. Construí um kartódromo. Estou planejando um megaevento para motos, desenhando uma nova categoria de competição de Scooters. O próximo passo é abrir a pista para o motorista que quiser. Vou tirar a velocidade das ruas e levá-la para a pista. Mais depressa. Mais até do que as multas do novo código de trânsito.



Agnaldo Azevedo



Mais uma conquista: nunca a bandeira brasileira foi motivo de tanto orgulho para nosso povo

Futebol

A enciclopédia aposta na estrela

Copa do Mundo do Chile, 1962. O Brasil precisava vencer a Espanha para passar às quartas-de-final, prosseguindo na campanha pelo bicampeonato. Os espanhóis já venciam por um a zero, quando ocorreu um lance que mudou a história da Copa. Ao tentar tirar a bola de um jogador adversário, Nilton Santos, que jogava na lateral-esquerda, acabou cometendo pênalti. "Instintivamente, dei dois passos para frente e saí da área", lembra o craque,

que hoje vive em Brasília.

Encurtando a história, o Brasil virou o jogo em duas jogadas magistrais de Garrincha e Amarildo. A esportividade de Nilton Santos abriu caminho para o segundo título mundial do futebol tetracampeão, mesmo com a contusão de Pelé no segundo jogo da Copa.

Por saber tudo dentro das quatro linhas, Nilton foi apelidado de "Enciclopédia do Futebol". Com a experiência acumulada de quatro copas (de 50, com a inesperada derrota para o Uruguai em pleno Maracanã, a de 62, com o título

O Brasil
vai jogar
contra times
na retranca



no Chile), Nilton Santos acredita que a seleção montada por Zagallo e a "estrela" do treinador serão decisivas para que o Brasil faça uma boa campanha na França. Ele acredita tanto na sorte de Zagallo que, quando os dois jogaram juntos, a Enciclopédia fazia questão de viajar no mesmo avião do técnico brasileiro. Era a certeza de uma viagem sem surpresas.

"Não tenho acompanhado a fundo as demais seleções, mas o Brasil vai jogar contra todas as outras seleções, e o que é pior, contra times que vão entrar para se defender, dificultando o bom futebol", diz Nilton Santos. Segundo a Enciclopédia, "Zagallo, sim, está acompanhando o jogo dos adversários e está comprometido com a vitória da Seleção". Por isso mesmo, o bicampeão mundial avalia que o treinador não prepara nenhuma surpresa na lista dos jogadores convocados para a Copa do Mundo. "Se Zagallo convocar o Edmundo, ele sabe o que faz. Não conheço o Edmundo pessoalmente, mas se ele for convocado temos que torcer para que não faça o que vinha fazendo".

Brasileiro Se na Copa do Mundo serão todos contra o Brasil, entre os times brasileiros Nilton Santos antecipa um "Flamengo contra todos". Aos rubro-negros, o craque acrescenta o Corinthians como times que podem se destacar no apertado calendário nacional. Mas com uma ressalva: "Eu não gostaria de jogar num time que tem a obrigação de ganhar. É muito ruim".

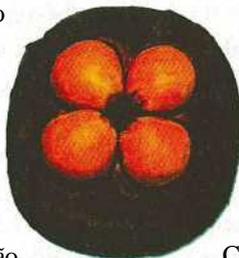
O maior adversário das equipes, no entanto, é o calendário nacional: Torneio Rio-São Paulo, campeonatos estaduais, Copa do Brasil, pausa para a Copa do Mundo e Campeonato Brasileiro. Alguns ainda vão disputar a Libertadores. "Mas sempre foi bagunçado deste jeito", fala Nilton Santos, acrescentando que "se o futebol brasileiro fosse organizado, teria uns oito títulos mundiais". Culpa de quem? "Dos cartolas, mas não de todos", fala a Enciclopédia. Nilton finaliza com uma constatação, que espera-se não ser também um presságio: "Até no futebol de praia, que é bem organizado, o Brasil é tetracampeão mundial. Amanhã, se aparecer algum cartola na praia, ele estraga tudo".

Pequi, um fruto que virou lenda nacional

Um fruto tropical de cheiro forte e acre, que possui em sua parte interna uma camada espessa de espinhos, é muito popular no Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e por quase toda a América Latina. Nome de origem tupi, o pequi é um produto típico de uma região com terreno plano e com vegetação caracterizada por árvores baixas: o cerrado. É bastante comum nos chapadões nordestinos e na costa do Atlântico e do Pacífico.

Muito utilizado na culinária do cerrado, o pequi é rico em proteínas, vitaminas e sais minerais. Leva de seis a oito meses para germinar e até oito anos para produzir os primeiros frutos. O período de safra vai de novembro a março. O prato frango com pequi é um dos símbolos da cozinha goiana. Em Pernambuco, Paraíba, Ceará e no Piauí, come-se pequi cru ou assado. Em Minas Gerais e na Bahia, mistura-se pequi com arroz e galinha.

Criou-se em torno do pequi um verdadeiro arsenal de crendices populares. Diz a lenda que esse fruto é um restaurador de energias, tanto para o homem quanto para a mulher. "A utilização do pequi, na dieta alimentar da população do cerrado, faz com que ele seja visto com qualidades afrodisíacas, apesar de não existir comprovação científica neste sentido", revela o biólogo José Antônio da Silva - da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa



O pequi permite as mais variadas formas de aproveitamento

Agropecuária). Mas quem lê a obra "Geografia da Fome", do escritor Josué de Castro, depara-se ali com uma informação no mínimo inusitada: a fecundidade da mulher sertaneja nordestina está diretamente ligada ao alto consumo de pequi.

Estudo do Departamento de Ciências Florestais da Universidade Federal de Lavras (MG) garante que o pequi apresenta alta produtividade por um período de 10 anos, em média, atingindo

dois mil frutos anuais. Mas no cerrado o pequizeiro pede socorro, podendo vir a tornar-se no futuro uma árvore rara. Quem afirma isso é Nilton Junqueira, pesquisador da Embrapa. Uma das causas é o "Mal do Cipó" - uma doença que seca as folhas e os galhos do pequizeiro, transmitida por um fungo e provocada pelo desmatamento predatório da região. "Isso leva a supor que, dentro de 10 a 20 anos, o pequi se transforme num dos frutos mais caros do mercado brasileiro"



O museu da cachaça em Paty do Alferes (RJ) reúne mais de mil tipos diferentes da bebida, catalogados em anos de pesquisa

Consumo

Cachaça: uma mania

Produzida no Brasil desde o século XVI, a branquinha ganha status e disputa o mercado de

E ntrou, pediu, bebeu, cuspiu, pagou, saiu, voltou, repetiu, tropeçou, caiu, sumiu.

Quando foi decidida a pauta desta edição e o tema cachaça confirmado me apresentei como voluntário para fazer a matéria. Sou apreciador de longa data da branquinha e queria aprender mais sobre sua história.

História antiga, que vem desde o velho Egito. Rômulo Almeida afirma que o povo do rio Nilo "dá o primeiro sinal inalando vapor de líquidos aromatizados e fermentados, absorvido diretamente do bico de uma chaleira".

Daí já dá pra aprender o dito popular:

"bebo porque é líquido, se fosse sólido comia". A pequena incorreção é que vira gasoso antes de ser tornar líquido novamente - a destilação.

Os árabes - mais uma vez - saltaram na frente e inventaram o alambique, tal como o conhecemos hoje.

Para descobrir seu processo de fabricação, visitamos - eu e Nando Neves, repórter fotográfico - o Museu da Cachaça, em Paty do Alferes, região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Um duplo prazer: pela diversidade e beleza do museu e pela qualidade da cachaça que nos ofereceram de cortesia - uma delícia, curtida em barris de carvalho vindos da Escócia, envelhecida por dois, cinco ou dez anos.

A água ardente - denominação dada pelos gregos em virtude de ser a água que pega fogo - recebe cuidadoso tratamento até chegar ao nosso deleite. Em primeiro lugar, são preparados os barris - preferencialmente de carvalho - untados com óleo vermelho e sendo adicionada uma "erva" - a imburana é das melhores para isso, pois apesar de ter um cheiro ruim ajuda a apurar o paladar.

A cana, por sua vez, é exposta ao sol para secar, com cuidado para não deixar queimar. Em seguida seu melaço passa pelo alambique para a destilação, sempre em fogo lento. A transfor-



mação nos oferece a primeira "fornada", que deve ser jogada fora. Só na segunda destilação, com o acuro do processo, se consegue a boa e verdadeira "água-que-passarinho-não-bebe".

Em resumo, a última fase consiste em escolher o tipo de cachaça que vamos tomar: a branquinha, sem misturas; a curtida em barris de diferentes tipos de madeira; ou a curtida com ervas, plantas e coisas que só a imaginação do homem é capaz de criar.

Para apreciar Para apreciarmos a boa cachaça, é preciso cuidado. Muitas vezes misturada, a caninha pode pegar de surpresa quem estiver desprevenido.

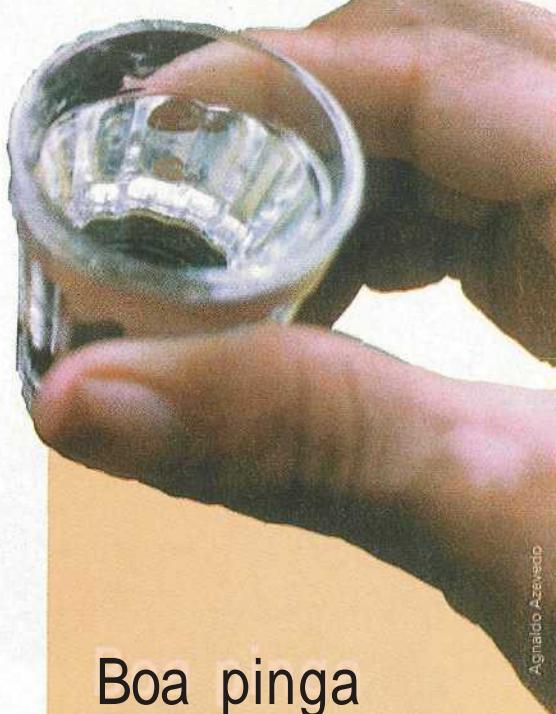
Os especialistas recomendam a velha técnica de degustação: beber um pequeno gole e fazê-lo passar pela boca, bochechando um pouco e deixando, finalmente, o líquido ir para debaixo da língua. Só após esse processo podemos ingeri-lo.

Se a cachaça amargar e queimar a boca é de má qualidade. Ao contrário, se a branquinha lhe proporcionar um paladar forte, porém saboroso, é das boas.

Existem pessoas que agitam a garrafa na busca da espuma para conferir a qualidade da mesma. Esse método não é confiável, pois alguns maus produtores adicionam um pouco de detergente no "néctar dos deuses" para proporcionar essa espuma.

Entre as cachaças de renome nacional podemos citar a Havana, produzida em Salinas, dita como hors-concurs. A Salineira, da mesma cidade, é outra que merece destaque. Pedra Azul e Montes Claros, também em Minas Gerais, são municípios com tradição e boas marcas. Além disso, no Nordeste, no Sudeste e no Centro-Oeste não é difícil encontrar produtos de boa qualidade.

-Agora, com licença que já acabei de trabalhar e vou tomar um gole. Saúde! A.C.



Boa pinga tem garantia de qualidade

A fabricação da cachaça no Brasil é anterior à do whisky na Escócia. Data do século XVI, pouco depois da chegada dos portugueses.

Verdadeira cara do brasileiro, a cachaça é uma mania nacional que consome mais de 20 milhões de litros por ano, só perdendo para a cerveja na preferência das bebidas alcoólicas.

Muita vez discriminada por conta daqueles que não sabem beber, a velha aguardente hoje figura nos melhores restaurantes do país e é apreciada pelos conhecedores da boa bebida.

A AMPAQ - Associação Mineira dos Produtores de Aguardente de Qualidade, criada em 1988 - é uma instituição que zela pela qualidade da bebida no estado que tem a maior e melhor produção do país. Vem atraindo produtores e tirando da clandestinidade diversos alambiques, fazendo da boa pinga um negócio sério.

Um negócio tão sério que já se atreve a disputar com a vodca do Leste Europeu, o scotch, o rum cubano, o conhaque francês e outras bebidas mundialmente famosas. A nossa caninha ganha finalmente o merecido reconhecimento.

nacional

as grandes bebidas destiladas



A omissão no combate à enorme quantidade

Neoliberalismo, globalização, crash nas bolsas, Clinton X Saddam, FHC... E ainda ter que se preocupar com efeito estufa?!

Não basta a ameaça de desemprego, de sobrar mês no fim do salário, de ser pego pelo novo código de trânsito e chegar em casa e ver a Seleção perder para os Estados Unidos?

É, o mundo é mesmo cruel. Um inferno! E, segundo dizem, está esquentando cada vez mais. Mas vamos manter a calma, que ele (esse mundinho cão) dá muitas voltas.

Os poderosos que comandam a destruição de hoje passam e a vida há de continuar. Quando se alerta para os riscos relacionados ao efeito estufa, a preocupação é com a possibilidade de que ele venha a se intensificar por conta do que a gente anda fazendo por aqui.

Nosso maior pecado talvez seja o de escolhermos mal as pessoas a quem confiamos o poder, pois são elas que acabam dando as cartas sobre os destinos da humanidade.

O aquecimento global, por exemplo, é um problema provocado, em grande parte, pela ação ou omissão de gente como o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que faz pose de estadista na hora de respaldar a ação militar dos EUA contra o Iraque, mas que se furta em barrar a invasão da Amazônia por madeireiros e exploradores incendiários, permitindo assim a destruição de nossa floresta.

O gás carbônico e outros poluentes, quando em grande quantidade, acabam formando um filtro na atmosfera. Durante o dia, a Terra é aquecida pelo Sol e à noite perde calor armazenado, tendo por consequência uma redução de temperatura.

O aumento da
temperatura
dá-se
ano a ano

FA

O perigo do efeito estufa

gás carbônico produzida pelo homem permite o aumento da temperatura do planeta e ameaça a vida como a conhecemos

Entretanto, com a camada de poluentes presente, o calor fica retido na Terra, provocando um aumento na temperatura média. A esse fenômeno, dá-se o nome de efeito estufa.

Cerca de 75% do gás carbônico liberado na atmosfera são produzidos por automóveis e indústrias, mas a queima de florestas tropicais em países como o Brasil são também um componente importante.

As florestas são ecossistemas em que o consumo e a produção de CO₂ se equivalem. As queimadas, pela combustão de biomassa, podem elevar o lançamento de CO₂ e a destruição de florestas tropicais pode acarretar graves alterações climáticas, já que o fenômeno de evapotranspiração regula o clima mundial.

Para o ativista do Greenpeace, Délcio Rodrigues, o governo brasileiro não vem agindo conforme deveria e, muitas vezes, joga contra a preservação do nosso verde, como no caso da lei ambiental aprovada recentemente, de onde ele "retirou as

punições previstas para certos tipos de queimadas". Os vetos de Fernando Henrique atenderam, principalmente, à bancada ruralista no Congresso.

Conferência Em dezembro último, representantes de 170 países se reuniram em Kioto, no Japão, para tentarem um acordo quanto ao corte a ser promovido nas emissões de gases estufas.

Os EUA, responsável por um quarto da emissão de CO₂, chegaram ao encontro com a proposta de que os níveis atuais fossem apenas estabilizados até 2012. Ao final do encontro, ficou acertado que o corte a ser feito pelo Tio Sam deverá atingir 7% até 2008. No mesmo período, o Japão deverá reduzir em 5% suas emissões e os países da União Européia, 8%. Ao Brasil coube um corte de 1%, objetivo que poderia ser atingido, em grande parte, com as punições às queimadas, conforme previsto inicialmente na lei ambiental.

Concentração excessiva de gases é nociva

A atmosfera é constituída de gases que permitem a passagem da radiação solar e absorvem grande parte do calor (a radiação infravermelha térmica) emitido pela superfície aquecida da Terra. Graças a essa propriedade, conhecida como efeito estufa, a temperatura média do planeta mantém-se em cerca de 15°C.

Sem o efeito estufa, a temperatura média da Terra seria de 18°C abaixo de zero, o que significa que ele é responsável por um aquecimento de 33%. Portanto, é benéfico ao planeta, pois cria condições para a existência de vida.

O problema está na intensificação desse aquecimento. A maioria dos cientistas envolvidos em pesquisas climáticas está convencida de que as atividades humanas contribuem para isso. Acredita-se que a temperatura pode subir de 1,5°C a 4,5°C em cinquenta anos.

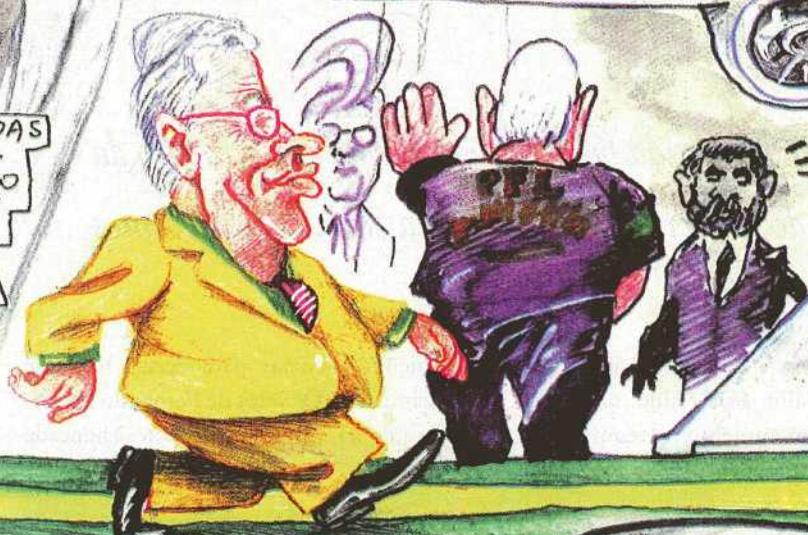
Do ponto de vista da física, quanto maior for a concentração de gases na atmosfera, maior será o aprisionamento do calor e, conseqüentemente, mais alta a temperatura.

ENCHENTES... FALTA DE ÁGUA, FALTA LUZ, SEGURANÇA, FALTA TUDO NO RIO, MENOS O GELINHO DO UÍSQE DO GOVERNADOR. ESSE NÃO POPE FALTAR!

PÓS-CARNAVAL



... AS IDAS E VINDAS DO PRÍNCIPE — "ESQUEGAM TUDO QUE ESCREVI." MAS SEMPRE DE OLHO NA FAIXA!...



Alôjey

DEPOIS DO TIRIRICA, TOM CAVALCANTE, FALCÃO. A MAIS NOVA PIAPA CEARENSE.



SEM ÁGUA, TUDO BEM. AGORA SEM RUM!



ETERNAMENTE FIDEL.



FENAE SEGUROS

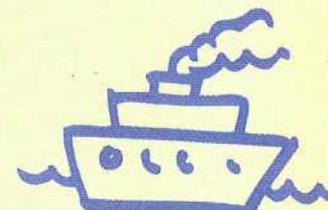
É DE CASA É SEGURO

A FENAE Seguros é a Corretora da FENAE - Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa. Precisa falar mais? A Corretora foi construída pelos empregados da CEF, o que credencia seu trabalho no mercado. A FENAE Seguros é uma Corretora sólida, conceituada e muito bem colocada no ranking nacional.

Além disso, os seguros oferecidos são bem co-

nhecidos: VIDAZUL, SASSE Fácil e AZULCAR. Todos da SASSE - a seguradora da Caixa. Maiores garantias que estas, impossível.

Você, que procura confiança e tranquilidade na hora de fazer seu seguro, encontrou o lugar certo. A FENAE Seguros, Corretora dos empregados da CEF, faz você se sentir em casa. Procure a FENAE Seguros e encontre a segurança que você precisa.





PENA ETUR
FEVETUR

Sua viagem na melhor companhia

